



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

DANILO ALVES DA COSTA.

**UMA VIAGEM PELA CULTURA INDÍGENA:
NAS TRILHAS DAS BRINCADEIRAS, JOGOS E DANÇAS.
– UM PROJETO REALIZADO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV–**

**CAMPINA GRANDE-PB
2023**

DANILO ALVES DA COSTA.

**UMA VIAGEM PELA CULTURA INDÍGENA:
NAS TRILHAS DAS BRINCADEIRAS, JOGOS E DANÇAS.
– UM PROJETO REALIZADO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV–**

Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza, Relato de Experiência, apresentado ao Departamento de Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Área de concentração: Estudos Pedagógicos

Orientadora: Morgana Guedes Bezerra

**CAMPINA GRANDE-PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C838u Costa, Danilo Alves da.

Uma viagem pela cultura indígena [manuscrito] : nas trilhas das brincadeiras, jogos e danças – um projeto realizado no estágio supervisionado IV / Danilo Alves da Costa. - 2023.

51 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Profa. Esp. Morgana Guedes Bezerra, Departamento de Educação Física - CCBS. "

1. Educação Física escolar. 2. Pedagogia de projetos. 3. Educação indígena. 4. Povos tradicionais. I. Título

21. ed. CDD 307.772

DANILO ALVES DA COSTA

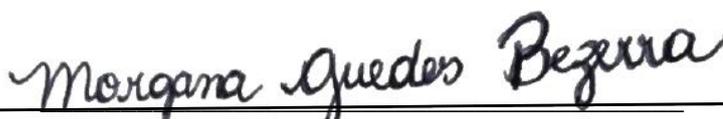
**UMA VIAGEM PELA CULTURA INDÍGENA:
NAS TRILHAS DAS BRINCADEIRAS, JOGOS E DANÇAS.
– UM PROJETO REALIZADO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV–**

Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza, Relato de Experiência apresentado ao Departamento de Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Área de concentração: Sociocultural.

Aprovada em: 21 /06 /2023.

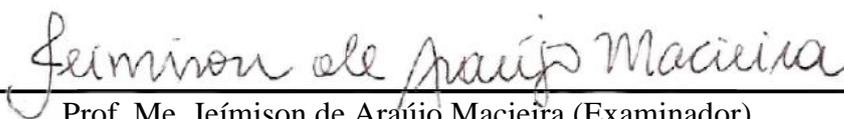
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Esp. Morgana Guedes Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Daniel Batista Santana (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jemison de Araújo Macieira (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pela minha vida e por me permitir superar todos os obstáculos enfrentados ao longo da minha carreira acadêmica, aos meus pais falecidos, a quem agradeço as bases que deram para me tornar a pessoa que sou hoje, a meus professores que foram essenciais nesta caminhada e a todos amigos que participaram, (direta ou indiretamente), do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo ainda mais o meu processo de aprendizado, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Morgana Guedes pelas orientações e pela dedicação.

A minha mãe Rosa Alves da Costa (*in memoriam*), por sempre ter me dado o melhor que podia e por ter feito tudo por mim. Sei que está junto a Deus, olhando por mim.

As minhas tias, em especial a Esmeraldina Alves, por sempre apoiar minhas decisões e por me ajudar sem medir esforços em tudo que precisei.

Aos professores do Curso de Educação Física da UEPB, em especial, Maria Goretti da Cunha Lisboa, Jose Eugenio Elói Moura e Regimenia Maria Braga de Carvalho, que contribuíram muito em minha formação acadêmica.

Aos funcionários do departamento de Educação Física da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

A temática da cultura indígena se configura como conteúdo a ser contextualizado no ambiente escolar, constituindo-se por um conhecimento que considera a diversidade cultural como algo presente nas instituições de ensino. As dança, brincadeiras e jogos dos povos tradicionais integram um grande repertório cultural físico os quais poderão viabilizar aos educandos um ambiente de socialização e aprendizado de respeito às diferenças sociais. O objetivo desse trabalho é relatar e discutir as experiências vivenciadas em um projeto pedagógico realizado durante o estágio supervisionado IV, que ocorreu em uma escola da rede privada em Pocinhos-PB. Tratou-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência e sua metodologia foi descritiva, analítica e reflexiva. O projeto teve 08 encontros que ocorreram a cada sexta-feira. Os participantes foram alunos do 4º ao 8º ano do fundamental. Os temas abordados foram documentários, pinturas e vivências de danças, jogos e brincadeiras indígenas realizados a cada encontro. O projeto foi iniciado e logo nos primeiros encontros observei que, a maioria das crianças foram muito receptivas com a proposta do projeto, principalmente por essas temáticas serem tão pouco explorados na aulas de Educação Física. No final ficou evidente que as turmas obtiveram êxito na aquisição de novos conhecimentos, principalmente em relação a prática vivenciadas. Através desse projeto pedagógico, obtive uma atuação muito significativa, dada pelo retorno que tive dos alunos, dos pais, dos professores e da direção escolar, que segundo afirmaram que os resultados obtidos ao final foram muito satisfatórios, sendo o esperado. A finalização do projeto na escola foi muito importante principalmente pelos relatos dos alunos e pela mudança de percepção da visão que eles possuíam sobre os povos indígenas. Isso comprova que a inserção de projetos pedagógicos culturais indígenas nas aulas de Educação Física, a exemplo desse, pode proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer e valorizar a riqueza das culturas indígenas presentes no país, contribuindo para uma formação mais completa, consciente e humanizada dos estudantes, promovendo a cidadania e o respeito à diversidade.

Palavras-Chave: educação física escolar; pedagogia de projetos; educação indígena; povos tradicionais

ABSTRACT

The theme of indigenous culture is configured as content to be contextualized in the school environment, constituting a knowledge that considers cultural diversity as something present in educational institutions. The dances, games and games of traditional peoples integrate a large physical cultural repertoire which can enable students to socialize and learn to respect social differences. The objective of this work is to report and discuss the experiences lived in a pedagogical project carried out during the supervised internship IV, which took place in a private school in Pocinhos-PB. It was a descriptive study, of the type of experience report and its methodology was descriptive, analytical and reflective. The project had 08 meetings that took place every Friday. The participants were students from the 4th to the 8th year of elementary school. The topics covered were documentaries, paintings and experiences of indigenous dances, games and games performed at each meeting. The project was started and in the first meetings I observed that most of the children were very receptive to the project proposal, mainly because these themes are so little explored in Physical Education classes. In the end it was evident that the classes were successful in acquiring new knowledge, especially in relation to the practice experienced. Through this pedagogical project, I obtained a very significant performance, given by the feedback I had from students, parents, teachers and school management, who said that the results obtained at the end were very satisfactory, being the expected. The completion of the project at school was very important mainly due to the students' reports and the change in perception of the view they had about indigenous peoples. This proves that the insertion of indigenous cultural pedagogical projects in Physical Education classes, such as this one, can provide students with the opportunity to know and value the richness of indigenous cultures present in the country, contributing to a more complete, conscious and humanized formation of students, promoting citizenship and respect for diversity.

Keywords: school physical education; project pedagogy; indigenous education; traditional people.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – QRcode para o documentário I.....	23
Figura 2 – QRcode para o documentário II.....	23
Figura 3 – Respostas referente ao questionário criado no google formes.....	27
Imagens 1– Exibição dos documentários indígenas.....	24
Imagens 2– Pinturas e artesanato indígena.....	25
Imagens 3– Brincadeiras indígena.....	26
Imagens 4– Danças indígenas I.....	29
Imagens 5– Jogos Indígenas I.....	31
Imagens 6– Jogos Indígenas II.....	32
Imagens 7– Danças Indígenas II.....	34
Quadro 1 – Plano de trabalho.....	19
Quadro 2 – Brincadeiras indígenas.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1	O Estágio Supervisionado na Educação Física Escolar.....	11
2.2	Educação Física Escolar e a Pedagogia de Projetos.....	12
2.3	Danças, Jogos e Brincadeiras Indígenas no Ensino Fundamental através da Pedagogia de Projetos.....	14
3	METODOLOGIA.....	18
3.1	A escola.....	18
3.2	O projeto.....	19
3.3	Recursos pedagógicos e avaliativos do projeto.....	21
4	AVIVÊNCIA DO PROJETO.....	22
4.1	Os encontros do projeto na escola.....	22
4.2	As dificuldades enfrentadas.....	36
4.3	Síntese Qualitativa do Desenvolvimento do Projeto.....	37
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICE A – O PROJETO.....	48
	APÊNDICE B – O QUESTIONÁRIO.....	50

1 INTRODUÇÃO

Ao abordamos sobre o eixo pedagógico estimulado pela Educação Física, notamos como o trabalho com o corpo e conseqüentemente com a cultura corporal, deve partir do princípio da inclusão, respeitando as vivências dos estudantes. A inclusão nas aulas de Educação Física não é voltada somente para os estudantes que possuem algum tipo de deficiência, segundo Fonseca e Ramos (2017, p. 182), é dever do professor pensar na inclusão como uma nova perspectiva que permita todos os estudantes serem incluídos nas aulas, desde os deficientes até mesmo os que não possuem deficiências, mas que têm algum tipo de dificuldades durante as aulas. Seguindo essa perspectiva de inclusão, a cultura de grupo que outrora foram marginalizados pelo processo de colonização, a exemplo: cultura afro-brasileira e a indígena, devem ser trabalhadas nas aulas de Educação Física, buscando a descolonização curricular deste conteúdo com a finalidade de uma educação democrática que atinja todos os grupos étnico-raciais e que por diversos momentos estiveram ausentes do processo educacional, (SILVA, 2022).

Partindo desse ponto, a temática da cultura indígena se configura como um conteúdo a ser contextualizado no espaço escolar, constituindo um conhecimento que considera a diversidade cultural como algo presente na instituição de ensino. As danças, jogos, brincadeiras, cantos e as lutas fazem parte dos rituais da cultura indígena e esses podem ser apropriado pelo professor de Educação Física, seja em aulas ou em projetos escolares, (LIMA; GONÇALVES JÚNIOR; FRANCO NETO, 2008). Acredita-se que o resgate e valorização dos jogos indígenas, fortalecem a identidade cultural e o autorrespeito desse grupo. (PINTO; GRANDO, 2009).

Assim, seguindo o pensamento de Tenório e Silva (2014), as brincadeiras, jogos e rituais de dança dos povos tradicionais integram um grande repertório cultural físico que precisa ser desenvolvido e integrado no ambiente educacional, sendo uma contribuição para o contato com um universo de valores e significados que são desconhecidos no contexto da sociedade capitalista e nesse sentido, as danças, os jogos e as brincadeiras indígenas, ao serem considerados como conteúdo da Educação Física escolar, fundamentados na perspectiva intercultural, poderão viabilizar aos educandos um ambiente de socialização e um aprendizado de respeito às diferenças sociais, considerando o contexto cultural de que os sujeitos fazem parte. A criança aprende com o outro no convívio por meio de seus costumes, seus hábitos, seus modos de encarar as situações que emergem para a resolução de problemas

e dessa forma, podem vivenciar elementos de culturas diferentes o que é algo muito relevante para a formação integral dos educandos.

É de grande relevância a valorização de jogos, brincadeiras e danças de matriz indígena, podendo ser utilizados como importante conteúdo da cultura corporal, viabilizando o ensino e aprendizagem a partir de uma linguagem que atende as características das crianças e jovens, explorando seu potencial crítico e criativo no sentido de levar os alunos a vivenciem práticas sociais que sejam significativas e que os desafiem a conhecer novas formas de se movimentar. Assim, devido a pouca utilização e exploração de conteúdos da cultura indígena nas aulas de Educação Física, apresento esse relato de experiência que tem o intuito de colaborar com alternativas para a utilização desses conteúdos no contexto escolar, principalmente nas aulas de Educação Física.

A justificativa se faz através da sua intenção de colaborar e estimular os profissionais do âmbito educacional a pensar na inclusão da história e cultura dos povos indígenas de nossa nação, tendo também como pretensão, o estímulo do diálogo entre os componentes curriculares para que possam dialogar com essa perspectiva de forma integrada com diversos objetos de conhecimentos e contribuir para uma aprendizagem intercultural significativa que pode acontecer através da valorização da diversidade cultural, permitindo que os alunos conheçam e apreciem diferentes tradições culturais, promovendo uma atitude de respeito e tolerância, também através da troca de conhecimentos entre culturas, criando oportunidades para a troca de experiência, enriquecendo o ambiente de aprendizagem, promoção da inclusão, desconstrução de estereótipos e o estímulo à pesquisa e investigação.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo geral relatar e discutir as experiências vivenciadas em um projeto pedagógico realizado durante o estágio supervisionado IV, que toma como eixo temático os jogos, as brincadeiras e as danças de origem indígenas, e como objetivos específicos, identificar as principais barreiras/dificuldades no desenvolvimento das temáticas desse projeto, que foi realizado em uma escola da rede privada em Pocinhos, Paraíba.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Estágio Supervisionado na Educação Física escolar

Referenciada na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), a Educação Física é incluída como componente curricular obrigatório em todas as etapas da Educação Básica no Brasil, isto de acordo com a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a qual possui uma natureza híbrida e integra aspectos da educação e da saúde, tudo mediante a conhecimento, aprendizado e experiências corporais, as quais contribuem para todas as dimensões da saúde, seja ela, física e motora, psicológica, social, ambiental e cognitiva. Segundo Betti (1992), a Educação Física escolar também tem por finalidade, a de integrar e introduzir o aluno na cultura corporal, que de acordo com Castellani Filho (1997), denomina a cultura corporal de movimento apenas cultura corporal, também a considera como objeto de estudo da Educação Física, cuja função é a apreensão dessa cultura que representa uma dimensão da realidade social. Dentro do componente curricular Educação Física Escolar, é que ocorre os estágios supervisionados, voltados para a formação do corpo docente de futuros professores de Educação Física.

O estágio supervisionado na Educação Física escolar é uma etapa essencial na formação de professores da área, pois permite a vivência prática dos conhecimentos teóricos e o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais necessárias para a atuação docente, tem como objetivo principal proporcionar ao futuro professor a experiência de trabalhar com os alunos, aplicando os conceitos e métodos aprendidos em sala de aula, além de desenvolver habilidades e competências profissionais, como a capacidade de planejamento, organização, execução e avaliação de atividades físicas e esportivas.

Na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), os componentes estágios supervisionados, são uma etapa obrigatória dentro da organização curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, são organizado em diferentes etapas, que contemplam diferentes níveis de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, em escolas públicas e privadas, incluindo atividades teóricas e reflexivas, que permitem aos estudantes aprofundar a compreensão das práticas pedagógicas e refletir sobre sua atuação como professores de Educação Física. Ao final dos estágios supervisionados, os estudantes devem apresentar um relatório de estágio, que contempla a descrição das atividades desenvolvidas, a análise crítica da prática pedagógica e a reflexão sobre o processo de formação docente. Então

o estágio supervisionado se configura como essencial a esse campo pois, como afirma Campos (2007, p. 24):

É um dos instrumentos de promoção da prática reflexiva no curso de formação, em que se possibilita a aproximação do aluno futuro professor, com a realidade de atuação, levando a refletir acerca dos momentos vivenciados – a refletir tanto na ação (vivência do estágio) quanto sobre a ação (momento depois do estágio, quando se repensa a prática de ensino vivenciada e é possível prever novas possibilidades). (CAMPOS, 2007. p.24).

No curso de Licenciatura em Educação Física da UEPB, os estágios são divididos em quatro componentes, sendo estágio supervisionado I, voltado a educação infantil e ensino fundamental I; estágio supervisionado II, redirecionado ao ensino fundamental II e ensino médio; O estágio supervisionado III, que abrange as modalidades de ensino (EJA – Educação de Jovens e Adultos, Educação de Campo (Rural), Educação de Quilombos e Educação Indígena); e por fim o estágio supervisionado IV, que é direcionado a elaboração e aplicação de Projetos Pedagógicos de Educação Física nas escolas ou na própria Universidade.

No estágio supervisionado IV, no qual ocorreu o projeto, possui uma carga horário de 90 horas, de acordo com a ementa ele está direcionado para a observação, análise e a intervenção no contexto educacional. Assim também, na elaboração e execução de projetos educacionais articulados às linhas de pesquisa e extensão do curso. Possui como objeto geral, possibilitar o exercício da prática docente, através de experiências refletidas na elaboração e execução de projetos educativos no sentido de despertar e ampliar a atuação do professor de Educação Física.

2.2 Educação Física escolar e a pedagogia de projetos.

A Educação Física escolar está inserida no currículo escolar do ensino fundamental e médio de várias escolas de muitos países, incluindo o Brasil, tornando-se uma importante disciplina, possui o objetivo de desenvolver a forma física, o bem-estar dos educandos, e a promoção de valores como a cooperação, o espírito de equipe e o respeito às regras. Os alunos, por meio dessa matéria, aprendem sobre as mais diversas atividades físicas, sobre esportes, sobre lutas, danças, jogo e brincadeiras, bem como sobre a importância da prática regular de exercícios física para melhorar e manter a saúde. A Educação Física Escolar como disciplina também pode ser uma oportunidade para desenvolver habilidades, para aprender sobre alimentação saudável, higiene e cuidados com o corpo. Taffarel, Escobar e Soares

(1992, p. 212), argumentam que a Educação Física escolar numa reflexão pedagógica, e considerando as relações sociais e a defesa de um projeto político pedagógico, se apresenta em uma tríplice dimensão, quando:

[...] é diagnóstica, quer dizer, voltada para a constatação e a interpretação da realidade; é judicativa porque julga a partir de uma ética que representa os interesses de determinadas classes sociais; é teleológica porque determina alvos onde quer chegar, indicando necessariamente a direção da manutenção ou construção de uma hegemonia de classe. TAFFAREL, ESCOBAR E SOARES (1992, p. 212).

Além disso, a Educação Física escolar pode ser vista também como uma importante peça-chave para o processo articulador e mediador na organização do trabalho com projetos. Segundo Tabares (2006, p. 214):

Vários projetos constituem um programa que, necessariamente, devem estar articulados entre si. É onde a Educação Física entra como articuladora e mediadora [...]. Um projeto tem como principais características: duração determinada, utilização de recursos técnicos, financeiros e materiais, alcance de resultados previstos em sua concepção. (TABARES, 2006. p. 214).

A pedagogia de projetos pode ser uma estratégia eficaz para aprimorar a Educação Física Escolar, sendo ela uma metodologia de ensino que busca promover a aprendizagem significativa por meio da realização de projetos pelos alunos. De acordo com Almeida (2013), a pedagogia de projetos é uma alternativa de importância significativa, fazendo possível tornar as aulas mais atraentes e motivadoras. Por meio da pedagogia do projeto, a disciplina de Educação Física pode ser ensinada de forma divertida utilizando-se da ludicidade, da dinâmica e com eficácia, pois esta tarefa educativa leva ao desenvolvimento integral dos alunos, podendo promover a autonomia pessoal e o espírito criativo, interativo, moral e social. Os valores focam no conceito de Educação Física construtivista de forma a construir o conhecimento a partir da interação dos sujeitos.

Criado pelo norte-americano William Kilpatrick em 1910, o Método de Projetos foi baseado nas ideias de John Dewey no início do século XX, sendo desenvolvido principalmente nos Estados Unidos. Outros autores chamaram de Pedagogia Ativa. No Brasil, com o advento da Escola Nova, o educador Anísio Teixeira foi o precursor e o dinamizador das teorias de John Dewey. De acordo com Nogueira (2007, p. 94):

Os projetos, na realidade, são verdadeiras fontes de investigação e criação, que passam sem dúvida por processo de pesquisa, aprofundamento, análise, depuração e criação de novas hipóteses, colocando em prova a todo o momento as diferentes

potencialidades dos elementos do grupo, assim como as suas limitações. (NOGUEIRA, 2007.p.94).

Sendo assim, o professor de Educação Física, atualmente, deve buscar inserir no seu trabalho didático pedagógico, projetos que levem a mudança de comportamentos, hábitos e atitudes dos alunos, principalmente com relação ao seu desenvolvimento na sociedade, fazendo assim o ressaltado da importância dessa disciplina no ambiente escolar. Ao trabalhar com a pedagogia de projetos, o professor de Educação Física pode ajudar os alunos a desenvolverem habilidades e competências relacionadas à pesquisa, planejamento, organização, execução e avaliação de projetos, além de incentivar a criatividade, a cooperação e o trabalho em equipe.

2.3 Danças, Brincadeiras e Jogos Indígenas no ensino fundamental através da Pedagogia de projetos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, inclui a Educação Física como componente curricular obrigatório em todas as etapas da Educação Básica. Dentre as habilidades e competências esperadas para o ensino da Educação Física, a BNCC (BRASIL, 2018), destaca a importância do desenvolvimento de práticas corporais como as Danças, Brincadeiras e Jogos, e estas podem ser trabalhadas na Educação Física escolar de forma a promover a compreensão e valorização da diversidade cultural e a formação de cidadãos críticos e ativos em relação às práticas corporais. Somando o ensino dessas práticas a pedagogia de projetos, vemos a possibilidade da criação de novas abordagens interessantes para se trabalhar os Jogos, as Brincadeiras e as Danças na escola através da Educação Física, principalmente no ensino fundamental.

A BNCC (BRASIL, 2018), também destaca que as aulas de Educação Física devem contemplar atividades que promovam o desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo dos estudantes, incluindo práticas corporais e culturais diversas. Ao falarmos em cultura, um outro documento que aborda o tema é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) de 1998, que traz orientações para a educação infantil, e ensino fundamental. O RCNEI (BRASIL, 1998), destaca a importância da prática de atividades físicas e recreativas na primeira infância e recomenda a inclusão de jogos e brincadeiras que valorizem a cultura brasileira e indígena. A Lei nº 11.645/2008, modificada a partir da Lei nº 10.639/2003, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da rede de

ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, sendo ministrados no âmbito de todo o currículo escolar” (BRASIL, 2008).

A antiga BNCC (BRASIL, 2017), já incluía na área da Educação Física na unidade temática Dança o ensino das danças indígenas para o 3º, 4º e 5º ano. As habilidades propostas era a experimentação, recriação e o fruir de tais danças com respeito ao diferentes sentidos e significados em sua cultura de origem e, por fim, identificar e discutir situações de preconceito e injustiça, como também possibilitar o encontro de alternativas que poderiam superar posturas equivocadas sobre essas danças.

Ao trabalhar temática indígena, suas danças, jogos e brincadeiras no ensino fundamental, aliado a pedagogia de projetos, podemos utilizar formas lúdicas e prazerosas, que permite as crianças explorarem e experimentarem diferentes formas de movimentos, ritmos e de interação social. Além disso, essas práticas podem ser utilizadas como recursos pedagógicos, para estimular o desenvolvimento da linguagem, da percepção espacial e temporal, da memória, da criatividade e da autonomia. Sob outra perspectiva, as Danças, Jogos e brincadeiras indígenas que são consideradas tradicionais possuíam como cenário principal o meio natural. Grando, Xavante e Silva (2010), nas suas narrativas, nos trazem que estes cenários são demarcados por uma natureza específica onde cada povo tradicional se constitui.

Ao interagir no meio natural, a criança “desnaturaliza” a árvore, o rio, as frutas, as folhas e os animais, ela apropria-se de cada um desses elementos como cultura, construindo sentido e significados diferentes para cada um dos elementos com que brinca. Aprende sobre eles e passa a valorizá-los. O meio passa a se constituir como um meio cultural próprio da criança e do seu grupo social. (GRANDO; XAVANTE; SILVA, 2010, p.92).

Mas quando falamos em vivências e experimentações de tais práticas corporais e culturais pelos alunos, Reis et al. (2021), fala o seguinte:

Na área da Educação Física Escolar, verifica-se uma tendência crescente em incorporar jogos e brincadeiras tradicionais herdadas do processo de colonização portuguesa e espanhola e ainda aquelas veiculadas por meio da mídia esportiva como é o caso do futebol, do Rugby, do basquetebol, do voleibol, entre tantas outras criadas e vivenciadas pelos povos ocidentais. O que se percebe é que os jogos e brincadeiras praticadas pelos povos tradicionais, como os povos indígenas, são pouco explorados, na prática, de Educação Física nas escolas e, com isso, estão se perdendo no tempo e espaço. (REIS et al., 2021.).

As danças, jogos e brincadeiras indígenas são de grande representatividade cultural, porém, segundo Darido et al, (2017), os conhecimentos produzidos por esses povos ainda não

são devidamente (re)conhecidos pela sociedade em que vivemos, e de acordo com Brasil (1998), as danças e manifestações da cultura popular, sobretudo, as danças indígenas, que são tratadas como conteúdo da Educação Física escolar, possivelmente podem desaparecer, pois não há quem as ensine, que compartilhe suas origens e significados, portanto, faz necessário valorizá-las, revitalizá-las e compreendê-las como expressões vivas presentes na cultura brasileira e em seus diversos contextos socioculturais.

Segundo Pinto (2008), o interculturalíssimo considera as diferenças humanas como oportunidade de percebermos a riqueza que existe entre os diversos grupos culturais. As inclusões das práticas corporais indígenas nas aulas de Educação Física escolar, de acordo com Tenório e Silva (2014), apresentam as danças, assim como, os jogos e as brincadeiras, como repertórios de conhecimentos a serem explorados, conhecidos e ressignificados, pois são ricos em diversidade de conteúdos que minimizam formas de preconceito social. Conseguir fazer com que os alunos compreendam que essas diferenças são algo comum entre os seres humanos é fundamental em qualquer espaço de convivência.

Segundo a Lei N. 9394/96, que trata das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996), “a Educação Física deve democratizar, humanizar e diversificar sua prática pedagógica, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos”. Assim, o ensino da cultura indígena e suas práticas, possuem um significado histórico social para esses grupos, e para a sociedade a construção e a reafirmação das suas identidades culturais. Müller (2004), aponta que ao analisar as danças indígenas, os gestos utilizados criam uma performance cênica diversa, composta por ornamentos e com manipulação de objetos com um processo distinto de ocupação dos espaços de dança.

Em relação aos jogos e brincadeiras indígenas, estes possuem uma grande diversidade cultural e grande importância social e educativa, pois transmitem valores e conhecimentos importantes para a comunidade. De acordo com Haidt (2000), são atividades físicas e mentais, organizada por um sistema de regras. Muitos autores escrevem sobre os jogos e brincadeiras indígenas, dentre eles, alguns merecem destaque como: Darcy Ribeiro: Antropólogo brasileiro que estudou a cultura indígena e escreveu sobre a importância dos jogos e brincadeiras na formação cultural dos povos indígenas. Em seu livro "Os Índios e a Civilização" de 1985, Ribeiro já destacava que as brincadeiras e jogos eram fundamentais para a formação dos jovens e para a transmissão dos valores culturais. Betty Mindlin: Antropóloga e escritora brasileira que estudou a cultura dos povos indígenas do Xingu. Em seu livro "Crianças da Amazônia" 2012, Mindlin destaca a importância dos jogos e brincadeiras na vida das crianças

indígenas, que aprendem brincando e desenvolvem habilidades e conhecimentos importantes para a vida adulta. Ana Mae Barbosa: Pedagoga brasileira que estuda a relação entre arte, educação e cultura. Em seu livro "Arte-educação no Brasil" 1991, Barbosa destaca que as brincadeiras e jogos indígenas são uma forma de expressão artística e cultural, que ajudam a manter a identidade cultural dos povos indígenas.

Portanto, podemos ver a importância do ensino da Dança, jogos e brincadeiras indígenas, que aliado a um projeto pedagógico na escola, no ensino fundamental, pode possuir bons resultados de produção cultural, saber estabelecer essa relação é fundamental na prática docente. Entendemos também que ao introduzir esse conteúdo, devemos dar uma ressignificação a essas brincadeiras, atribuindo sua origem e novas possibilidades de utilização, pois todas elas têm muito a contribuir para a educação de outras culturas, são formas lúdicas e criativas de aprender e desenvolver habilidades e conhecimentos.

3 METODOLOGIA

Para a elaboração do trabalho de conclusão de curso, tratou-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, que se refere a uma construção baseada em acontecimentos da vida real, embasados por aportes teóricos, expondo os problemas observados, os procedimentos, intervenções e técnicas utilizadas durante as experiências (GROLLMUS; TARRÉS, 2015).

A metodologia empregada foi descritiva, analítica e reflexiva, sendo traduzida em um relato de experiência. Um estudo descritivo tem como característica observar, registrar, analisar, descrever fatos ou fenômenos (MATTOS; JÚNIOR; BLECHER, 2008). Com intenção de alcançar o objetivo proposto, foi optado pelo método qualitativo para abordar o relato de experiência. Segundo Minayo, 2008:

(...) A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. O que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2008, p.21).

3.1 A Escola.

A escola escolhida para a realização do projeto foi uma escola particular localizada no município de Pocinhos-PB. A escola, possui primeiro andar, e dispõe de uma sala para a diretoria, uma sala para os professores, uma sala de leitura, dois banheiros sendo um no primeiro andar e outro no térreo, uma cozinha com dispensa, um parquinho de diversão no pátio do térreo e uma sala com um dormitório para alunos do infantil. A instituição educacional engloba os seguintes níveis de ensino: Educação Infantil, turmas do fundamental I e do fundamental II, sendo distribuídas entre os turnos da manhã e tarde. Pela parte da manhã são duas turmas da educação infantil (Jardim I e 2), três turmas do fundamental I (3º; 4º e 5º ano) e duas turmas do fundamental II (6º e 8º). No turno da tarde a escola possuía duas turmas da educação infantil (Jardim I e 2), duas turmas do fundamental I (1º e 2º ano) e 1 turma do fundamental II (7º ano), porém no ano de 2022, a escola não formou turma de 7º ano devido a pouco procura de pais de alunos pertencentes a essa série. Por se tratar de uma escola pequena e da rede privada, não possuía a disciplina de Educação Física em sua grade curricular.

3.2 O Projeto.

Inserido dentro da linha de pesquisa sociocultural, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campos I, o projeto trouxe como conteúdo central o estudo sobre a diversidade cultural com um aprofundamento voltado especificamente a recriar e experimentar as danças, jogos e brincadeiras da cultura dos povos indígenas.

O projeto foi realizado apenas por um discente do curso de Licenciatura em Educação Física da UEPB e contou com a participação das turmas do 4º e 5º ano do fundamental I e do 6º e 8º ano do fundamental II, a escolha por estas turmas foi baseada em sua faixa etária que de acordo com a BNCC (BRASIL,2018), indica atividades culturais indígenas como objetos de conhecimento, dentro de três unidades temáticas, sendo elas: Brincadeiras e Jogos, Lutas e Danças. Os encontros aconteciam sempre pelo turno da manhã e o projeto contou com a participação de 30 alunos, sete alunos do 4º ano, nove alunos do 5º ano, seis alunos do 6º ano e oito alunos do 8º ano. Crianças com diferentes faixas etárias, entre 07 e 15 anos, de ambos os sexos. Os encontros aconteciam uma vez por semana, especificamente na sexta-feira, tinha como duração 01 hora e 30 minutos, no total foram realizados oito encontros (quadro I), que se distribuíram entre os meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2022. A cada novo encontro, um novo tema era vivenciado pelos participante.

Quadro 1: Plano de trabalho.

Conteúdos	Objetivos	Métodos	Avaliação
Documentários sobre a cultura indígena.	Discutir e refletir o conteúdo dos filmes exibidos.	Exibição de filmes sobre a vida dos povos indígenas.	Atividade reflexiva com 04 questões sobre os documentários exibidos.
Pintura e artesanato indígena.	Realizar e recriar pinturas e artesanatos indígenas.	Fazer desenhos usando tintas guaches e com barbantes, cola e penas fazer o artesanato.	Avaliação observacional e de participação.
Brincadeiras Indígenas.	Conhecer e vivenciar brincadeiras indígenas.	Realização das brincadeiras rouba melancia, arranca mandioca, jogo da peteca e o gavião pega passarinho.	Roda de conversa e discussão sobre o aprendizado. Pontos positivos e negativos das brincadeiras.
Danças indígenas.	Conhecer e vivenciar danças indígenas e seus significados.	Em círculo e sem os tênis compor traços e movimentos com o corpo fazendo movimentos de danças indígenas	Roda de conversa e discussão sobre o aprendizado. Pontos positivos e negativos sobre as danças.
Jogos indígenas I.	Conhecer e vivenciar jogos indígenas.	Foi formada 02 equipes para a vivência dos jogos: cabo de guerra, corrida com tora e futebol indígena.	Roda de conversa e discussão sobre o aprendizado. Pontos positivos e negativos sobre os jogos.
Jogos indígenas II.	Vivenciar outros jogos indígenas	Foi formada 02 equipes para a vivência dos jogos: futebol com a cabeça e Ronkrân e da brincadeira, “briga de galo”.	Roda de conversa e discussão sobre o aprendizado. Pontos positivos e negativos sobre os jogos.

Danças indígenas.	Vivenciar outras formas de danças indígenas.	Vivência de outras danças indígenas e a partir dos movimentos aprendidos, foi criada uma coreografia indígena pelos alunos com auxílio do professor.	Roda de conversa e discussão sobre o aprendizado. Pontos positivos e negativos sobre as danças.
Roda de conversa e finalização	Conversar, refletir e avaliar o projeto.	Sentados em círculos, houve uma conversa inicial sobre a vivência de cada um, e em seguida foi distribuído um questionário de perguntas.	Roda de conversa e discussão sobre o aprendizado. Pontos positivos e negativos do projeto.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

As demonstrações das temáticas foram feitas de várias formas, pela midiática na qual é possível promover mudanças na percepção e nos valores por meio da exposição a diferentes referências culturais, como filmes, documentários, exposições artísticas e/ou eventos culturais, na quais essas experiências vão poder ajudar a ampliar ainda mais a compreensão sobre a diversidade cultural e a valorizar a pluralidade étnica e racial. Usando também a abordagem procedimental (construindo), seria possível a construção de valores e de atitudes por meio da vivência prática de atividades que valorizassem a diversidade étnica e racial, como oficinas artísticas, dança, músicas, jogos e brincadeiras. Esses conjuntos de atividades permitem que os participantes possam experimentar e valorizar a cultura de diferentes grupos étnicos e raciais e assim poder contribuir para a formação de uma consciência crítica e de respeito à diversidade cultural. Por fim a abordagem atitudinais (Mudança de atitudes), para que fosse possível promover mudanças nos valores e nas atitudes dos participantes em relação a cultura indígena e a etno racialidade, tudo isso por meio da reflexão crítica sobre a realidade social e política, a fim de identificar as desigualdades e injustiças relacionadas à diversidade étnica e racial.

Essas abordagens de acordo com Coll et al. (2000) (apud Darido, 2001, p. 52) nas quais corresponde às seguintes questões: “o que se deve saber?” (dimensão conceitual); “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental); e “como se deve ser?” (dimensão atitudinal), com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais. Nas quais Libânio (1994) (apud Darido, 2001, p. 52), do mesmo modo Coll et al. (2000) (apud Darido, 2001, p. 52) e Zabala, (1998) (Darido, 2001, p. 52), entende que conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida.

3.3 Recursos Pedagógicos e Avaliativos do Projeto.

Como recursos pedagógicos, avaliativos e de registro de atividades, foi criado um diário de campo para uso pessoal, este foi usado para elaboração das temáticas e durante os encontros para avaliar o que foi realizado. Segundo Dal’Pra, Miotto e Lima (2007), afirma que o diário de campo serve como um coadjuvante do cenário em que ocorre a experiência, sendo que cada tipo de anotação tem um uso diferente: as notas descritivas são informações iniciais para o planejamento de intervenções e o início da compreensão dos fenômenos, enquanto as notas analíticas reflexivas indicam questões que precisam ser aprofundadas.

Em uma plataforma virtual, “Classroom”, o professor supervisor também disponibilizou uma pasta, que continha um documento para a descrição das atividades realizadas nos encontros. Outros recursos utilizados, foram uma câmera fotográfica, um celular para os registros fotográficos e gravações de vídeos para servir como acervo pessoal.

Para o referencial teórico das vivências nos encontros, foram pesquisados, examinado e analisados artigos científicos, teses, livros, revistas, sites e vídeos no youtube, que abordavam sobre temas relacionados a danças, jogos, brincadeiras e atividades artesanais indígenas, as palavras chaves utilizadas foram: jogos da educação indígena, educação física indígena, jogos e brincadeiras na educação indígena, musicalidade das tribos, dança indígenas e artesanato indígena.

4 A VIVÊNCIA DO PROJETO

Em relação ao tema, por que viajando pela cultura indígena? Porque a palavra viagem sugere conhecer, visitar, aprender sobre novos lugares, por mais que a cultura indígena seja algo presente no nosso dia a dia, como por exemplo a palavra “Mingau” significa “comida que gruda”, do Tupi minga’u, abacaxi (ywa-katí), capoeira (ko’pwerá), Ipanema entre outros, a intenção desse projeto era mesmo de fazer uma viagem por dentro da cultura indígena. A escola escolhida não possuía a disciplina de Educação Física em sua grade curricular, então ficava a cargo da professora pedagogia realizar uma aula de Educação Física a cada quinze dias, com os alunos. Após a solicitação da realização do estágio supervisionado na escola, a diretora junto com a coordenadora abriu um novo horário na grade curricular, para a inserção do componente Educação Física escolar.

4.1 Os encontros do Projeto na Escola.

Na escola, os encontros deram início no dia 30 de setembro de 2022, às 9 horas da manhã, para esse encontro foi feita inicialmente uma reunião com a diretora, a coordenadora pedagógica e as professoras das turmas participantes para a apresentação ao projeto e explicar como aconteceria os próximos encontros, quais os objetivos e a metodologia das atividades e como elas poderiam ajudar com as atividades propostas. Dialogando com Zeichner & Diniz-Pereira (2005), eles defendem que as investigações de professores acerca de suas próprias práticas, salienta seu potencial para produção de conhecimento e promoção de transformação social. Também acordo como Passos (1999), apontou Zeichner, acredita que as interações dos membros do grupo devem ser valorizadas porque os professores podem apoiar-se uns aos outros, apoiar também o crescimento uns dos outros, ver e buscar solucionar seus problemas na compreensão de seu relacionamento com os outros, a estrutura de uma escola ou sistema educacional. Mediante isso foi solicitado a aquisição de materiais didáticos que poderiam ser utilizados nos encontros, essa reunião inicial foi muito produtiva para a produção de ideias e de conteúdo a serem utilizados, ao final pedi que as professoras tentassem orientar seus alunos sobre a importância da participação deles no projeto.

Na sexta-feira seguinte, dia 07 de outubro de 2022, aconteceu o **1º encontro** com os 30 alunos participantes (turmas do 4º, 5º, 6º e 8º ano). A proposta elaborada para esse encontro foi a exibição de dois documentários sobre os povos indígenas. Que segundo Duarte (2002), os filmes constituem uma fonte riquíssima de conhecimento. O uso de filmes em sala

de aula pode trazer mudanças no contexto escolar, que muitas vezes é caracterizado pela falta de interesse dos alunos nas aulas.

Ao adentrar na sala de aula, os alunos ficaram eufóricos e empolgados, pois seria a primeira vez que teriam aula de Educação Física, pedi que se dispusessem em círculo, sentados em suas cadeiras, em seguida me apresentei, expliquei o projeto que seria realizado com eles falei sobre a importância da participação de todos, que além de muito diversão, o projeto iria trazer muito aprendizado sobre a nossa cultura. Os alunos se mostraram muito animados para começar. Então foi exibido o primeiro documentário “Indígenas”, que aborda sobre a vida, costumes e rituais dos povos indígenas do Brasil, esse documentário está disponível no YouTube (figura 1):

Figura 1 – QRcode para o documentário I.



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2023.

(INDÍGENAS | filme brasileiro legendado documentário, 2021), e logo em seguida foi exibido o segundo documentário (Figura 2):

Figura 2 – QRcode para o documentário II.



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2023.

Falas da Terra” que traz questões sobre a diversidade e pluralidade dos povos indígenas que deu origem ao Brasil, também disponível no YouTube (Falas da Terra – Original, 2021). Ao término de cada documentário, os alunos se mostravam empolgados, se inclinavam para a frente, para prestar atenção e até mesmo faziam anotações sobre os pontos-chave (Imagens 1). Ao final de tudo, pude perceber que eles estavam muito interessados, tanto que eles se envolveram e iniciaram discussões sobre o que foi visto nos documentários, fazendo indagações do tipo, “Eles usam celulares e tem televisões?”; “São youtubers, advogados e médicos, muito legal isso” [...]. Ao notar que os povos indígenas exibidos nos documentários eram muito diferentes da imagem que eles possuíam e diferentes das imagens

que os livros nos trazem, os alunos começaram a compartilhar suas opiniões e trocar ideias sobre o que viram e aprenderam, também fiz algumas pontuações sobre a questão do preconceito associado aos estereótipos dos povos indígenas ser um problema social complexo e persistente que afeta essas comunidades em muitas partes do mundo, e que esses preconceitos são baseados em generalizações simplistas, desinformação histórica e cultural. Também chamei a atenção sobre esses estereótipos ter consequências negativas significativas, que podem levar à discriminação, marginalização e exclusão dos povos indígenas em diversos aspectos da sociedade, como acesso a oportunidades educacionais, empregos, serviços de saúde adequados e representação política. Essas discussões foram um sinal claro de que o documentário despertou seus interesses e estimulou o pensamento crítico. E quem reforça isso é, Napolitano (2013):

Trabalhar com o Cinema em sala de aula é ajudar a escola reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o Cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de Arte (NAPOLITANO, 2013, p.11).

Imagens 1 – Exibição dos documentários indígenas.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

No dia 14 de outubro de 2022, houve o **2º encontro** com os alunos, e para esse dia a temática abordada foi uma oficina de pintura e artesanato referente a cultura indígenas (Imagens 2), que segundo Pessoa (2011), as atividades artísticas são essenciais para a concreta aprendizagem dos conteúdos. Ainda de acordo com Pessoa (2011), a educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam o modo próprio de ordenar e dá sentido a experiência humana.

Imagens 2 – Pinturas e artesanato indígena.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

Este encontro iniciou-se em uma sala de aula com todas as turmas, com os alunos sentados no chão e em círculo, fui distribuindo folhas de papel sulfite comum, que pode ser utilizado para desenhos do dia a dia, lápis de cores variadas, pincéis e tinta guache (A tinta guache, por ser de fácil manuseio e baixo custo, é a mais utilizada nas escolas). Também na lousa branca fiz alguns desenhos indígenas para ajudar os alunos no processo de inspiração, pois ao apresentar desenhos da cultura indígena, os alunos têm a oportunidade de aprender sobre a rica diversidade cultural existente.

No dia 21 de outubro de 2022, nosso **3º encontro**, teve como temática as brincadeiras dos povos indígenas, e foi realizado em um espaço mais amplo (ginásio poliesportivo da cidade), para que pudéssemos vivenciar algumas das mais variadas brincadeiras dos povos indígenas. Dentre a inúmeras brincadeiras culturais indígenas, foram escolhidas quatro para esse encontro (Quadro 2): Roubar melancia; arranca mandioca, tradicionais dos povos Guarani e Xavante; o Jogo da “peteca” que tem origem Tupi e que significa “tapear”, golpear com as mãos, atualmente é o mais popular entre todas as brincadeiras de origem indígena conhecida no Brasil. Para a vivência desse jogo fizemos uma peteca; para última vivência desse encontro, fizemos a brincadeira do “Gavião pega passarinho” chamada de *Toloi Kunhügü*, que fazem parte do povo Kalapalo. Todos esses jogos foram pesquisados na internet, no site “Mirim – Povos indígenas do Brasil” e readaptados para o espaço onde foram realizados. (Imagens 3).

Quadro 2 – Brincadeiras indígenas

Brincadeiras	Objetivos	Percurso metodológico
Roubar melancia	Levar consigo um colega “melancia” da plantação.	Uma criança assume o papel do dono do roçado e dever impedir que suas melancias (vários alunos agachados) sejam retiradas por um ladrão (outro aluno).
Arranca mandioca	Puxar o colega que está preso a um outro.	Em uma árvore ou algo que possa se prender, várias crianças fazem uma fila prendendo-se um ao outro pela cintura, uma outra criança vai tentar puxar um a um, assim “arrancando-os”.
Jogo da peteca	Não deixa a peteca cair.	Em um círculo, joga-se para cima uma peteca feita com penas, e não pode deixá-la cair ao chão.
Gavião pega Passarinho	Pegar os passarinhos (colega) quando estiver fora do ninho.	Os passarinhos (crianças) vão ficar em galhos desenhados no chão representando um árvore, ao sair e baterem os pés no chão junto com assobios e outros sons, vão chamar a atenção do gavião que vai tentar pegá-los e prende-los.

Fonte: <https://mirim.org/pt-br/como-vivem/brincadeiras>.

Imagens 3 - Brincadeiras indígena.



Brincadeira: Arranca Mandioca



Brincadeira: Toloi Kunhügü.



Brincadeira: Rouba Melancia



Brincadeira: Peteca

Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

Dialogando com Andrade (2019) (apud FILHO, 2021, p.17) nos informa que:

A prática pedagógica do professor de Educação Física deve privilegiar entre outros conhecimentos, “as consonâncias entre um dos temas da Cultura Corporal, neste caso os Jogos e Brincadeiras, e a realidade objetiva, trazendo à tona a ancestralidade indígena e africana que edificaram a cultura nacional” (ANDRADE, 2019, p.71-72).

Para finalizarmos esse encontro, sentamos em círculo no chão e dialogamos sobre os pontos positivos e negativos das brincadeiras vivenciadas nesse encontro. Os pontos positivos mencionados foram que as brincadeiras são divertidas, que podem fazer com os amigos em casa, na escola e em diversos lugares. Os pontos negativos foram que nem todos puderam ser “o dono do roçado” ou o “gavião”. Ao final compartilhei via grupo do WhatsApp um link que leva ao google forms, para que eles respondessem de forma avaliativa a vivência das brincadeiras que experimentamos. (Figura 3).

Figura 3 – Respostas referente ao questionário criado no google formes.

<p>- Na 1ª brincadeira realizada, qual era o objetivo? E o que te chamou mais atenção?</p> <p>R- <i>“Pega a melancia, tinha que pegar a melancia mais só que tinha um velhote que não deixava o outro pegar”.</i></p> <p>R- <i>“Era a da melancia, os participantes viravam melancia, mais só que algum dos participantes virava o roubador de melancia e o outro era o velhinho que não deixava ele roubar a melancia.”</i></p> <p>R- <i>“O objetivo é: O ladrão tem que roubar as melancias e o senhor têm que proteger as melancias. E o que eu achei interessante foi quando eu fui uma das melancias.”</i></p> <p>- Na 2ª brincadeira realizada, qual era o objetivo? E o que te chamou mais atenção?</p> <p>R- <i>“O objetivo era uma pessoa arrancar todas as pessoas que no caso seria as mandiocas e para essa brincadeira é preciso ter bastante força.”</i></p> <p>R- <i>“O objetivo é arrancar as mandiocas. E o que eu achei interessante foi o esforço das pessoas.”</i></p> <p>R- <i>“Algumas pessoas ficavam agarradas nos outros e uma tinha que puxar um e depois puxar o outro até acabar.”</i></p> <p>- Na 3ª brincadeira realizada, qual era o objetivo? E o que te chamou mais atenção?</p> <p>R- <i>“Peteca, que não podia deixar a peteca cair no chão, tudo me chamou atenção.”</i></p> <p>R- <i>“Era não deixar a peteca cair no chão. E achei interessante a própria peteca.”</i></p> <p>R- <i>“Era jogar a peteca bater nela com a palma da mão e não deixar a peteca cair no chão, achei muito interessante bater na peteca.”</i></p> <p>- Na 4ª brincadeira realizada, qual era o objetivo? E o que te chamou mais atenção?</p> <p>R- <i>“O objetivo era o gavião pegar todos os passarinhos e os passarinhos tentarem fugir, que é uma brincadeira que tem que ter bastante agilidade.”</i></p> <p>R- <i>“A quarta brincadeira foi a do gavião e a dos pássaros, l dos participantes virava o gavião e os outros era os pássaros, os pássaros ficava na árvore, quando estava a hora de beber água, eles tinham que sair, e volta para a árvore sem o gavião pegar os pássaros.”</i></p> <p>- Das 4 brincadeiras realizadas, qual você queria que repetíssemos?</p> <p>R- <i>“Ó do gavião.”</i></p> <p>R- <i>“A da Peteca.”</i></p>

Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

Essas respostas dos alunos obtidas pelo google forms, forneceram informações valiosas sobre as opiniões, sobre preferências. Analisando e interpretando esses dados, é possível identificar o quanto engajados no projeto estão esse alunos, como essas temáticas estão mudando a visão étnica racial e possivelmente os tornando mais sensíveis a questões da preservação de uma cultura que faz parte dos nossos dias. Também através desses dados podemos recriar novas metodologias nas quais serão relevantes para orientar ações futuras. Tive um feedback muito bom através dessas respostas dadas pelos alunos, foram respostas que me forneceram informações sobre a satisfação deles, quais atividades posso melhorar ou propor para incentivar a participação e a interação dos alunos durante as aulas. Ao criar esse questionário foi possível engajar um pouco mais esse no projeto, aumentando e promovendo a interação nas atividade desenvolvidas.

Em nosso **4º encontro** que aconteceu no dia 28 de outubro de 2022, apenas com a turma do 6º e 8º ano devido as turmas do 4º e 5º ano estarem fazendo provas. Pudemos vivenciar nesse dia, atividades de danças indígenas e essa vivência foi realizada de forma lúdica e explicativa para que fosse compreendido por todos como as danças indígenas desempenham um papel vital na preservação da identidade cultural e da herança dos povos indígenas. Danças que são rituais, que marcar a passagem para outra fase da vida, que homenagear os mortos, que agradece a colheita entre outros propósitos. Para a cultura indígena, as danças são experiências de encontro com a natureza e com os aspectos que mantêm vivo o mundo dos anciãos do outro lado da vida, onde o invisível faz parte do visível (LUCIANO, 2006). Neste encontro foi explicado que apesar de existirem diferenças entre os diversos povos indígenas do Brasil, o conjunto de danças praticadas por eles possuem características semelhantes e essa danças geralmente são vivenciadas em fila ou em círculo. A referência usada para esse encontro foi retirada do site: <www.dancastipicas.com> e dialogando a partir das atuais orientações curriculares da BNCC (BRASIL, 2018), na qual orienta que em todas as escolas do Brasil, as danças indígenas deverão ser tratadas nas aulas de Educação Física.

As danças experimentadas foram a dança do bate-pau ou dança da ema (Kihixotikipaé), disponível no youtube, <<https://youtu.be/5oQ2krGIU38>>. Essa dança trata de uma manifestação praticada pelos indígenas Terena, da aldeia de Limão Verde, em Aquidauana-MS e está relacionada as vestimentas que são confeccionadas historicamente com as penas desse animal. Dançada em duas filas paralelas, realizando movimentos de forma conjunta, (JESUS, 2007). Em que cada dançarino seguram um bastão que são batidos de acordo com as

batidas da música. Outra dança que foi experimentada foi a dança do Matipú, recriada a partir de um vídeo que também está disponível no YouTube, <<https://youtu.be/8qKQTso-Qos>>. Essa dança é dos indígenas Matipú, habitantes da porção sul do parque indígena do Xingú, e traz várias formas, porém a sua formação mais usual é formada por um círculo (Imagens 4), pois esta forma, simboliza para esse povo uma forma de diplomacia, uma vez que eles se voltam uns aos outros durante a execução da dança, além de simbolizar uma aproximação com os animais e com as divindade (VERÁS, 2000).

Imagens 4 – Danças Indígenas.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

Neste encontro vivenciamos o ritmo, a música e passos coreográficos de duas danças indígenas do Brasil. O objetivo principal em trazer essa aula de dança é a promoção, a valorização, o respeito e a preservação das culturas indígenas, proporcionando uma experiência educativa enriquecedora para esses alunos. Ao final do encontro, sentamos ao chão e indaguei sobre o que foi vivenciado nesse encontro, quais os pontos positivos e negativos em relação as danças apresentadas? Os alunos falaram que gostou bastante da aula, e como ponto positivo, comentaram que aprenderam algo novo, algo que eles ainda não tinham vivenciado e que eu poderia fazer outra aula seguindo essa mesma metodologia. Os pontos negativos que foram discutidos foram sobre os passos coreográficos, que alguns não conseguiram fazer ou acompanhar o restante da turma e em relação a dança da Ema, o ponto negativo foi porque muitas das vezes acertavam sem intenção de machucar os bastões nos dedos das mãos uns do outros, o que acabava causando dor e parando o ensaio, logo expliquei que isso ocorria devido à falta de habilidade e treinamento com o bastão. No dia 04 de novembro de 2022, não houve encontro do projeto devido a aplicação das provas do calendário escolar.

O **5º encontro** aconteceu no dia 11 de novembro de 2022 com todas as turmas participantes. Esse encontro foi dedicado a vivência de alguns jogos indígenas, praticados em aldeias das regiões, Norte, Nordeste e Centro-oeste do Brasil. As modalidades que vivenciamos foram “o cabo de guerra”, “corrida com tora” (adaptado) e o “futebol indígena” (adaptado), essas atividades foram pesquisadas no site: <www.educacaofisica.seed.pr.gov.br> Para vivenciarmos o jogo “cabo de guerra”, as turmas foram divididas em duas equipes e cada equipe ficou dispostas em um dos lados da quadra, em relação ao jogo cabo-de-guerra, Vinha (1999, p. 125), aborda que:

O jogo cabo-de-guerra ocupou uma posição privilegiada: a condição de uma das provas mais esperadas, tanto para os indígenas quanto para o público. O jogo se desenvolve assim: duas equipes posicionadas em colunas, frente a frente, segurando uma única corda grossa que se apoia na mão de todos os participantes das equipes. A prova consiste em cada equipe puxar a corda para seu lado, tentando deslocar um objeto que marca o ponto central da corda, até que a equipe contrária se renda pela força. (VINHA, 1999, p. 125).

O próximo jogo foi a “Corrida com Tora” adaptado, a “Tora” foi substituída por um garrafão de água de 20 litros contendo pedras em seu interior, porém não completamente cheio. O objetivo proposto era correr indo e voltando de um lado a outro do ginásio, carregando o garrafão sobre os ombros. Foi demarcado uma linha de largada e uma outra de chegada e foi realizado uma competição de meninos contra meninos, meninas contra meninas e meninos contra meninas, dando a oportunidade de todos participarem e assim, excluído todo e qualquer sexismo existente. Segundo Melatti (1976), a corrida de toras diverte aqueles que a praticam e desenvolve certas potencialidades do corpo humano, como força, destreza, agilidade. Os alunos se divertiram muito, principalmente devido as pedras dentro do garrafão causar uma certa instabilidade durante a corrida, o que deixa o equilíbrio durante a corrida hilário.

O terceiro jogo vivenciado foi o “Futebol indígena” adaptado para quadra, como o futebol é algo comum do dia a dia das crianças, os alunos já estavam familiarizados e deixei eles a frente da atividade para dividir das equipes, as meninas também foram incluídas nos dois times. Seguimos as regras usadas pelos indígenas durante os jogos nas aldeias, esse conjunto de regras foram extraída do “REGULAMENTO JMPI FUTEBOL INDÍGENA” que se encontra disponível na internet, e através do uso dessas regras, a vivência do futebol ficou um mais parecida com a mesma que é disputada entre as aldeias. (Imagens 5).

Chegando ao final do encontro sentamos no chão e levantei as mesmas questões, que eles falassem quais os pontos positivos e negativos dos jogos vivenciados. Eles por sua vez

falaram que vivência desses jogos é muito divertida, muito boa e que gostaria de poder jogar novamente algum dia, mas pediram também para vivenciar novos jogos pois estavam gostando bastante das atividades do projeto. Os pontos negativos mencionados foram em relação as meninas terem participado do futebol junto com os meninos, talvez por eles não terem essa vivência, uma parte dos meninos não gostaram, por outro, as meninas falaram que gostaram, porém se chateavam porque os meninos não passavam a bola para elas chutarem. Nesse momento achei um oportunidade de fala em relação a mulheres no futebol, expliquei que é importante continuar a promover a inclusão e apoiar o futebol feminino, assim garantimos que as mulheres tenham as mesmas oportunidades de praticar, jogar e se desenvolver no esporte. O futebol pode ser uma ferramenta poderosa para promover a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas em todo o mundo. E já encerrando o encontro, o que me surpreendeu foi um dos alunos falando que se o futebol tivesse ocorrido em um campo de terra, a experiência teria sido melhor, como eles já têm vivência de jogo em quadra, para eles não mudou muita coisa, a não ser as regras inseridas e com o futebol no campo de terra eles teria ficado mais confortáveis com os pés ao chão.

Imagens 5 – Jogos indígenas.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

O **6º encontro** aconteceu no dia 18 de novembro de 2022, em um dos pátios da escola dividi a turma que tinha 26 alunos nesse dia em duas equipes, com o propósito de aumentar a interação entre eles, após a divisão, cada equipe foi renomeada com um nome de tribos, a equipe 01 ficou com o nome Tabajaras e a equipe 02 com o nome Pataxós, nome usado como referência as aldeias vistas anteriormente no documentário exibido. Neste 6º encontro vivenciamos dois novos jogos que são tradicionais e uma brincadeira de luta indígena. Os jogos escolhidos foram o "Xikunahity" conhecido com futebol de cabeça ou com a cabeça (Imagem 6), que é uma modalidade esportiva praticada pelos Paresi durante os jogos

indígenas, no qual segundo Ferreira (2004), declara que esta atividade como um esporte recreativo na aldeia em que apenas homens participam, porém não exclui as meninas dessa vivência. A bola utilizada é confeccionada pelos próprios indígenas e é feita de látex de mangaba, nós adaptamos e usamos uma bola de plástico emborrachado dessas que vendem em lojas de brinquedo. A referência usada para esse jogo foi uma aula em PowerPoint da professora Franciele Leonardo, que trabalha na Escola Madre Cecília, ela preparou esse material conforme a Habilidade: (HCEF03EF01T), experimentar, fruir e identificar as brincadeiras e jogos do Brasil.

Outro jogo vivenciado foi o Ronkrã (Imagem 6), esporte coletivo praticado pelo povo Kayapó, do Pará. Semelhante ao hóquei sobre grama esse jogo tem como objetivo rebater a bola para o campo adversário ou passar ao companheiro de frente. A referência usada para a vivência desse jogo foi encontrada no site: < <http://www.diaadia.pr.gov.br>>. Nos momentos finais do encontro, experimentamos uma brincadeira muito comum entre as crianças e adultos de aldeias indígenas, comumente chamada de “Briga de galo”, e foi retirada do site: < www.mildicadema.com.br>, nessa brincadeira o objetivo é permanecer em uma perna só e tentar fazer o outro perder o equilíbrio, utilizando os ombros ou mãos (Imagem 6).

Imagem 6 – Jogos indígenas:



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

De acordo com Salgado (2015), Apesar do nome do jogo ser “briga”, essa e outras lutas praticadas pelos índios desde pequenos não envolvem violência. Ao finalizar essa brincadeira a qual os alunos se divertiram bastante e aprenderam um pouco mais sobre a cultura indígena, sentamos no chão em círculo e compartilhamos as experiências vivenciadas fazendo uma comparação com os jogos do encontro anterior, discutimos sobre a importância da preservação da cultura, pois assim preservamos as referências culturais dos povos indígenas e de outros povos.

A cultura é definida como uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ela não é algo natural, não decorre de características inerentes ao homem e nem de leis físicas e biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana, enraizada nas condições materiais e sociais da existência, condições contraditórias marcadas pela desigualdade e opressão e pela luta por sua superação (FONTANA, 1996, p. 67).

Os alunos durante o compartilhar comentaram que é importante a participação nessa atividade pois assim a cultura não desaparece, e eles podem se divertir e aprender cada vez mais, outros comentaram que foi bom e que poderia fazer novamente para terem a revanche (Risos de todos).

Em 25 de novembro de 2022, aconteceu o nosso **7º encontro**, com atividades de danças novamente assim como ficou definido no planejamento. Iniciamos esse encontro fazendo um resgate do que foi feito no outro encontro com atividades de danças também, e logo em seguida damos início a vivência da dança do “Jacundá” que é uma das danças indígenas brasileiras dedicadas a representação da pescaria, sendo essa uma dança muito divertida e onde todos dão gargalhadas, sendo muito utilizada para o lazer e entretenimento. Uma outra dança que vivenciamos foi a dança do “Cateretê”, que tem suas origens culturais nas danças indígenas brasileiras, mais precisamente realizada pelos povos Tupis. Seus movimentos são caracterizados principalmente pelas batidas de pé no chão acompanhadas pelo ritmo do chocalho, (Imagem 7). O site: <www.dancastipicas.com> foi usado novamente como referência para essas duas atividades de danças.

Imagens 7 – Danças indígenas



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

Após ter vivenciado essas duas danças indígenas, partimos para a segunda parte do encontro e nesse novo momento recriamos movimentos de danças indígenas, usando a música

“índios do brasil” de David Assayag como referência fundo musical para dar vida ao conjunto de corpos coreografados. A utilização dessa música nos permitiu compor um conjunto de coreografias que envolve movimentos de braços, pernas, cabeça e tronco. Utilizando também os níveis, alto, médio e baixo, as laterais direita e esquerda aliado a Kinesfera de Labam (1978), exploramos um pouco deste universo de danças indígenas. Esse conjunto de coreografia foram recriadas para que futuramente os alunos possam se apresentar na finalização do período escolar. Nos momentos finais, sentamos ao chão em uma roda de conversa e dialogamos sobre alguns dos elementos da dança que foram utilizados, oriundos das danças indígena, como movimentos rítmicos e expressivos, muitas danças indígenas têm um significado simbólico profundo. Os alunos, mais uma vez, disseram pontos positivos, como: A dança foi muito boa; me divertir bastante, pude explorar coisas que antes não sabia; esse negócio de dançar em níveis é muito engraçado e faz com que a gente aprenda muito. Esses comentário deles só mostram o quanto é importante a inclusão das danças indígenas na escola e por ser uma expressão artística que faz parte do patrimônio cultural dos povos indígenas, quando introduzimos a dança indígena em nossas aulas, podemos ajudar a preservar e promover a diversidade cultural, valorizando as tradições e o conhecimento ancestral. Os pontos negativos que forma mencionados foram poucos, como por exemplo: alguns movimentos difíceis, pouco tempo para dançarmos, coreografias um pouco complicadas.

No **8º encontro**, realizado no dia 02 de dezembro de 2022, nosso último encontro do projeto, as turmas foram reunidas para conversarmos sobre o que foi vimos ao logo dos encontros, o que foi explorado, vivenciado e recriado. Este encontro foi voltado a diálogos entre o professor e os alunos, em uma roda de conversas discutirmos sobre a troca de experiência que criou um ambiente de aprendizado dinâmico, colaborativo e principalmente enriquecedor, em que o conhecimento foi construído coletivamente e todos tiveram a oportunidade de crescer e se desenvolver em relação aos saberes sobre a cultura indígena. O que foi assimilado por todos nós durante os nossos encontros promoveu a construção de relacionamentos mais significativos e positivos, os alunos se sentiram valorizados e tornaram-se mais engajados e motivados durante o processo de aprendizagem. Ao sentar no círculo iniciei o nosso diálogo falando sobre como foi importante a participação deles no projeto pedagógico, e como eles aprenderam o processo de produzir e reproduzir conteúdo, levantando dúvidas, fazendo pesquisar e criando relações, juntos com o professor estagiário fizemos novas descobertas, compreender e a reconstruir conhecimento. Os alunos por sua vez, falaram que gostaram muito do projeto, que o mesmo teve forte influência em sua formação,

que de forma nenhuma eles vão enxergar o dia dos povos indígenas como um mero “dia do índio”, como as escolas ensinam, que a tempos vem sendo conduzido de forma rasa, poética, voltado ao índio do passado que condiciona a uma visão fragmentada de corpos nus, na floresta, com cocar, cantando e dançando, um discurso atualmente desatualizado que expressa uma cultura morta, vinculada ao período colonial (GRUPIONI, 1996).

Ainda nesse encontro fiz a aplicação de um questionário simples, com questões fechadas e abertas, apenas para saber sobre a opinião dos alunos acerca do projeto, e sem nenhuma intenção de que ele fosse usado com fins acadêmico. Esse questionário ajudou a rever os pontos positivos e negativos pela visão dos alunos participantes. O questionário contava com dez questões, essas questões foram essenciais para saber sobre a importância do projeto para a vida desses alunos, se eles gostaram e o que mais gostaram entre as atividades que foram vivenciadas. A primeira pergunta foi referente a quais temas abordados no projeto eles gostaram mais? A grande maioria dos alunos responderam: Danças, Pinturas, Jogos e Brincadeiras. A segunda pergunta era sobre a participação deles em todos os encontros e qual(is) eles mais tinham gostado, a maioria responderam que gostaram dos jogos. A terceira, quarta e quinta perguntas era referente a participação nos jogos, brincadeiras e nas Danças e se eles tinham gostado de participar, todos responderam que participaram de quase tudo e que sim, gostaram e acharam muito divertido, porque além de não terem aula de Educação Física anteriormente, esses momentos trouxeram diversão, lazer e sociabilidade.

A sexta pergunta e a sétima, falava sobre o que eles tinham aprendido sobre a cultura indígena e se gostaram de ter participado, a maioria respondeu que gostou de ter participado e o que mais aprenderam foi sobre a dança e a cultura no geral, seus jogos, brincadeiras e artes. A oitava pergunta indagava se eles participariam novamente se tivesse outro projeto desse com o mesmo conteúdo, e a grande maioria participaria sim. A nona pede para que os alunos em um breve relato falem sobre suas experiências vivenciadas no projeto na qual a grande maioria tem opiniões bastantes divergentes, uns falam que gostou das danças e artesanato, outros falam que gostou dos jogos, outros apenas das brincadeiras e por aí vai trazendo diversas opiniões do que para eles foi o melhor momento. A décima pergunta solicita que eles atribuam uma nota de 0 a 10 ao projeto e grande maioria deram nota 10. Esse questionário está anexado no apêndice, na parte final desse relato de experiência.

Diante disso, acredito que o ensino de danças, brincadeiras e jogos indígenas na Educação Física escolar é uma forma importante de valorizar a cultura dos povos indígenas e contribuir para a promoção de uma educação intercultural e inclusiva. É importante que o ensino dessas práticas seja realizado de forma adequada, respeitando as tradições e a história

dos povos indígenas. Para isso, é fundamental que os professores de Educação Física sejam capacitados para trabalhar com a temática de forma consciente e crítica, levando em consideração as especificidades culturais de cada grupo indígena. E é importante destacar que a inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" no currículo escolar, seja através da Educação Física ou de outra disciplina, não se trata apenas de uma obrigatoriedade legal, mas de uma necessidade de promover uma educação mais inclusiva e pluralista, que reconheça a diversidade cultural do nosso país e que possa contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

4.2 As Dificuldades Enfrentadas.

Abordando sobre as dificuldades encontradas durante a execução do projeto, começo a mencionar sobre o desenvolvimento da temática que não foi fácil e diferente do que se imagina, trabalhar com a temática indígena apresentou alguns desafios devido a uma série de fatores tais como: A falta mais conhecimento sobre o tema, o que tornou difícil abordar a temática indígena de maneira mais precisa; O trabalhar com essa temática requiriu uma sensibilidade cultural e de respeito às tradições dos povos indígenas o que nem sempre era aceito pelos alunos devido fugir de sua realidade cultural; A disponibilidade limitada de recursos educacionais por parte da escola e a falta de conhecimentos dos professores da instituição.

Outros pontos que menciono foi o combater ao preconceito étnico-racial que os alunos possuíam, a busca por artigos, revistas e manuais de professores que já trabalharam esse tema para que pudesse se espelhar na metodologia aplicada, na internet não há muito conteúdo interessantes. Dúvidas surgia quanto a escola que o projeto seria realizado, escola da rede pública ou a privada? Ao longo do 1º trimestre do estágio supervisionado IV fiquei pensativo sobre essa questão, pois não queria fazer um projeto com quantidade de alunos mais sim com qualidade. Após escolher a escola iniciei a escrita da metodologia e da apresentação do projeto que antes de ser levado a escola passou por uma qualificação com banca e durante o desenvolvimento teve o acompanhamento da professora supervisora. Uma outra dificuldade foi o desenvolvimento da metodologia, que muitas das vezes teve que ser adaptada para o espaço onde o encontro estava sendo realizado. Na escola surgira algumas situações incomodas que foi em relação ao espaço físico da escola, que por não possuir pátios recreativos amplos e algumas vezes as atividades precisaram ser remanejadas para outros locais extraescolar. Em relação ao materiais didáticos de Educação Física para o uso nos

encontros, a escola não possuía, então todo material que foi utilizado, foram confeccionando, emprestados ou comprados por mim.

Por fim, um pouco de hostilidade e ignorância por parte dos alunos durante a vivências de algumas temáticas, sem falar da falta de atenção, distrações, barulho e brincadeiras em hora imprópria que acabavam atrapalhando a concentração e a vivência de outros, causando perda de tempo e tendo que algumas vezes parar a atividade e chamar atenção desses alunos. Por outro lado, a grande maioria dos alunos participantes foram muito atenciosos em querer participar e aprender sempre um pouco mais da cultura indígena, sendo muito solícitos, sempre participando, dando ideias e buscando aprender, fazendo isto ser um ponto bastante positivo.

4.3 Síntese Qualitativa do Desenvolvimento do Projeto.

Antes de levar o projeto para a escola, não fazia a menor ideia de como poderia realizá-lo junto com os alunos, se teria ajuda por parte da escola em questões de materiais didáticos, ajuda dos professores em dar continuidade ou fazer uma releitura do que foi visto no encontro da sexta-feira, dando um prosseguimento na aprendizagem dos alunos. Tudo foi novo para mim, ao entrar na escola dialoguei com professores e com alunos, acreditei que seria factível, que a construção dos encontros seria desafiadora, mas que a metodologia traçada daria certo, até porque imaginava que por se tratar de uma escola particular, o projeto teria um suporte maior quanto a materiais didáticos, atenção para com o projeto e assim ele pudesse fluir. Porém, já dando um spoiler, a experiência em si não foi bem o que havia idealizado.

O projeto foi iniciado e logo nos primeiros encontros observei que, a maioria das crianças foram muito receptivas com a proposta do projeto que era, uma viagem pela cultura indígena, o que logo de início foi muito bom me deixando mais tranquilo, os alunos sempre participavam de todas as propostas e estavam sempre curiosos para saber como seriam as próximas já que eles era quem as propunha, ficando a cargo do professor estagiário criar e desenvolver a metodologia. No decorrer dos encontros, as propostas das atividade vinham sendo desenvolvidas de maneira efetiva e os alunos sempre realizavam o que lhes era sugerido dando o máximo de si, sempre atentos e determinados. Em momentos tiveram um pouco de dificuldades durante a execução (vivência) de alguns jogos e danças indígenas, mas nada que comprometesse o aprendizado e com minha ajuda essas adversidades foram resolvidas.

Em alguns encontros houve algumas dificuldades na realização das práticas das atividades devido à falta de espaço adequado na escola, então foi necessário a locomoção das turmas para o ginásio local da cidade, sendo que muitas das vezes, este espaço estava ocupado por outras pessoas como grupos de capoeira, escolinhas de futsal ou eventos escolares da prefeitura e isso nos impedia de fazer nossas atividades naquele espaço, sendo necessário retornar para a escola e desenvolver o jogo ou a brincadeira em um espaço inadequado, além disso, é necessário levar em consideração o tempo investido na ida ao local e volta para escola. Contudo de uma maneira geral, a grande maioria dos alunos mostraram-se sempre muito interessados em participar das práticas das atividades indígenas e ao observar isso posso dialogar com Reis et al (2021), que fala sobre os jogos e brincadeiras praticadas pelos povos tradicionais, a exemplo dos povos indígenas, serem tão pouco explorados na prática, de Educação Física nas escolas e com isso, estão se perdendo no tempo e espaço.

Fica evidente que as turmas obtiveram êxito na aquisição de novos conhecimentos, principalmente em relação a prática de danças, brincadeiras e jogos indígenas, afirmo isso devido ao retorno positivo que tive desses alunos durante as atividades realizadas, sendo bastante positivo para mim e para o alcance dos objetivos que foram traçados, as propostas de atividades mostraram-se interessante, podendo ser realizados no cotidiano familiar, no ambiente escolar e nas aulas de Educação Física. Esta percepção foi feita por meio da observação direta e da participação ativa dos alunos.

Outras coisas que não posso deixar de relatar é que os objetivos propostos foram alcançados, realizando assim uma aprendizagem-vivência significativa na vida desses alunos. Através do conhecimento, do processo, da construção, da vivência, dos relatos, foi-se oferecendo a oportunidade a esses alunos de vivência um bem cultural dos povos indígenas que são parte integrante da diversidade cultural e étnica do nosso país. Eles são os povos originários das terras em que habitam há séculos, possuindo uma história, uma cultura e uma relação específica com o território, com o passado, bem como o presente. E através dessa busca de conhecimento pudemos ver um pouco sobre essa história, cultura e raízes indígenas existente no nosso país.

Posto isto, na escola em questão, pôde-se trabalhar conteúdos que antes eram vistos apenas uma vez no ano e que, de uma certa maneira houve a quebra de tabus e preconceitos antes existentes como por exemplo, estereótipos e visões distorcidas sobre os povos indígenas que são frequentemente retratados de forma estereotipada e exótica, reforçando imagens negativas e simplificadas de suas culturas, a exemplo, a desqualificação intelectual que muitas das vezes há uma tendência de subestimar a inteligência e as capacidades intelectuais dos

povos indígenas, ignorando suas contribuições para a ciência, medicina tradicional e outras áreas de conhecimento, como vimos no documentário retratado no primeiro encontro, sem aprofundar uma menção a expropriação territorial, na qual os povos indígenas frequentemente enfrentam, como a perda de suas terras tradicionais devido à invasão, exploração de recursos naturais e conflitos agrários. A discriminação cultural e linguística, a diversidade cultural dos povos indígenas é muitas vezes desvalorizada ou considerada inferior, levando à marginalização de suas línguas, costumes e práticas culturais e a negligência nos serviços públicos, onde os povos indígenas muitas vezes enfrentam falta de acesso a serviços básicos, como saúde, educação e saneamento, o que resulta em desigualdades significativas e violações de direitos humanos.

Mediante tudo isso que foi exposto aqui e que foi trabalhado no projeto, adquirimos um maior conhecimento sobre essa cultura e sobre seus costumes, jogos, brincadeiras, danças que anda lado a lado com a nossa, mas que nem sempre damos a devida atenção. Posso afirmar também que esse projeto trouxe para essa escola uma melhoria na sociabilização entre esses alunos participantes, no qual todos aprenderam a conviver, dividir suas coisas, brincar junto e ser feliz. Depois de mencionar esses pontos positivos, ainda posso informar mais que o projeto traz novas propostas e metodológicas que podem ser aplicadas em diversas aulas e em até mesmo outras disciplinas, com o uso de um enfoque multicultural e multidirecional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância desse projeto ao ser realizado na escola, deu-se como uma forma de oportunizar o estudante a vivenciar de forma inovadora alguns dos diversos aspectos culturais indígenas atrelado ao meio em que está inserido, criando assim, um elo entre esses dois saberes sendo também uma forma de favorecer além da multiculturalidade, a contextualização. Cria-se por outro lado aspectos de grande relevância na formação escolar desses estudantes, comprovando que as diversas áreas do conhecimento se complementam e dialogam entre si sobre os mais diversos temas. Para a minha formação acadêmica, esse projeto teve um grande impacto positivo, principalmente sobre questões da educação cultural indígena, que a partir dos temas vivenciados, descobri o quanto que essa cultura é rica e diversificada e que quando falamos sobre cultura, fui capaz de observar que, ao trabalharmos temas dessa natureza nas aulas de Educação Física ou em outra disciplina, há trocas de experiências e de vivências diferentes entre professor e aluno, tornando a aula muito mais atrativas para ambos, o professor vai poder contextualizar o conteúdo do currículo de forma mais relevante e com significado para a turma. Ao se deparar com as experiências e realidades dos estudantes e cruzá-las com os saberes da cultura indígena, consegui explorar essa realidade e adaptá-las conformes minhas abordagens de ensino, tornando as aulas mais conectadas com a vida dos alunos, aumentando a motivação e o interesse pelo aprendizado.

Durante a experiência dos encontros do estágio supervisionado IV, tanto na universidade antes da intervenção como depois, durante os encontro na escola, fui capaz de propicia a junção entre as áreas de conhecimento e através desse feito, senti que houve uma contribuição de forma positiva e significativa para minha aprendizagem, também por meio disso fiz uma autoavaliação como futuro docente de Educação Física escolar e nessa avaliação, partindo de uma percepção minha desde o estágio supervisionado I, afirmo com convicção, que tive um desenvolvimento progressivo e consistente, uma atuação digna e exemplar como professor de Educação Física em todos os estágios de ensino, demonstrando habilidades sólidas de planejamento de aulas, adaptando meu ensino para atender às necessidades e níveis de desenvolvimento dos alunos. Além disso, promovi um ambiente de aprendizagem inclusivo, estimulando a participação ativa dos alunos e promovendo valores como colaboração e respeito mútuo.

Recebi feedback positivo de colegas, de alunos e de pais, demonstrando minha capacidade de envolver e motivar os estudantes em todas as faixas etárias, me comprometendo em fornecer uma Educação Física de qualidade, contribuindo para o

desenvolvimento físico, social e emocional dos alunos em todas as etapas da sua formação. No estágio supervisionado IV, no qual desenvolvi o projeto pedagógico viagem pela cultura indígena, tive uma atuação muito significativa, dada pelo retorno que tive dos alunos participantes, dos pais dos alunos, dos professores e da direção escolar, que segundo afirmaram, os resultados obtidos ao final foram muito satisfatórios, sendo o esperado. A finalização do projeto na escola foi muito importante principalmente pelos relatos dos alunos e pela mudança de percepção da visão que eles possuíam sobre os povos indígenas.

Assim como afirmei nos relatórios finais dos estágios supervisionados, a minha vivência durante esses períodos de estágio foi de uma relevância ímpar para minha formação acadêmica, foi por meio deles que melhorei meus planos de aula e conseguir me desenvolver melhor como um futuro profissional na área da docência. Em relação a meu futuro profissional como docente, estou no caminho escolhido por mim, tendo cada vez mais a certeza de que serei bom professor de Educação Física, assim como todos meus professores que contribuíram para a minha formação.

No que se refere a vivência do estágio supervisionado IV, muitas foram as vivências e aprendizado que se somaram para dar culminância a este trabalho de conclusão de curso, no qual destaco uma da mais valiosa experiência vivenciada, sendo a realização de uma educação multicultural e sua importância como produto, como esse tipo de educação pode ter um impacto positivo na educação escolar, a exemplo: valorização da diversidade, haver a promoção, a valorização e o respeito pela diversidade de culturas, origens étnicas e religiosas. Foi através dela os alunos participantes puderam desenvolver uma consciência global, passara a ter um olhar diferente pelas diferenças e a reconhecer a igualdade de direitos e oportunidades para todos. Eles aprendem a se colocar no lugar do outro, a reconhecer suas próprias suposições, preconceitos e principalmente a promover uma convivência harmoniosa durante o projeto. A educação multicultural, permite que os alunos ampliem seus horizontes, desenvolvam uma compreensão mais ampla do mundo e adquiram habilidades de pensamento crítico e análise. Segundo alguns estudos mostram que a educação multicultural pode ter um impacto positivo no desempenho acadêmico dos alunos. Ao se sentirem valorizados e representados no currículo, os alunos têm maior motivação, engajamento e participação ativa na aprendizagem. Em resumo, uma educação multicultural promove a valorização da diversidade, o respeito mútuo, a compreensão global e a preparação para uma sociedade multicultural. Essa abordagem enriquece a experiência educacional dos alunos, promove a equidade e contribui para a formação de cidadãos globalmente conscientes e empáticos.

A experiência do estágio supervisionado IV, assim como os anteriores, foram de uma significância imensa em minha vida, uma oportunidade ímpar para minha formação como futuro professor de Educação Física escolar, poder repassar o conhecimento adquirido na universidade para a sociedade é algo muito gratificante e importante por assim dizer. Não deixando de elencar a importância do desenvolvimento de habilidades nos alunos pós projeto, como: elaborar, refletir, melhorar a prática da leitura, registrar, pesquisar, argumentar, saber respeitar a opinião dos colegas, trabalhar de forma cooperativa, desenvolver a autonomia e a responsabilidade.

Portanto, a inserção de projetos pedagógicos culturais indígenas nas aulas de Educação Física, a exemplo desse, pode proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer e valorizar a riqueza das culturas indígenas presentes no país. Projetos como estes, podem abordar conteúdos de atividades físicas tradicionais, como brincadeiras e jogos, danças, lutas e outras práticas corporais características de diferentes etnias indígenas. É essencial que os conteúdos trabalhados estejam conectados com a realidade dos alunos, considerando suas vivências e identidades culturais, a inclusão de projetos pedagógicos culturais indígenas na Educação Física vai fortalecer o protagonismo indígena.

Dessa forma, a Educação Física escolar se torna um espaço de diálogo intercultural, em que os alunos têm a oportunidade de ampliar seus horizontes, respeitando e valorizando as diferentes culturas presentes no país. A inclusão de projetos pedagógicos culturais indígenas pode contribuir para uma formação mais completa, consciente e humanizada dos estudantes, promovendo a cidadania e o respeito à diversidade.

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção."
Paulo Freire

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Araújo Santos. [et al.]. **A pedagogia de projetos para a Educação Física escolar**. 2013. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)–Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

BETTI, Mauro. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 282-287, jan. 1992.

BOOK. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (22 min). Publicado pelo canal Taioba Filmes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fZ7FizaqIwg>>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

BOOK. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (43 min). Publicado pelo canal LuisFelipi. Disponível em: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=repPmoz8ozQ>>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CONSELHO PLENO. Brasil. LEI No 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 - **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**.1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>.2. Brasil.> Acesso em: 12 fev. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "**História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008, seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 10 de maio. 2023.

BRASIL. Lei nº11.645 de 10 de março de 2008. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "**História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**".

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria da Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 12 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601ane>

xo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192.>
Acesso em: 10 de maio. 2023.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: **Educação Física**. Brasília, 1997. 96p. (livro 7). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. > Acesso em: 12 fev. 2023.

CAMPOS, Márcia Zendron de. **A prática nos cursos de licenciatura: reestruturação curricular da formação inicial**. 2007. 130f. Tese (Doutorado em Currículo, Formação de Professores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo, 2007 p.24.

CASTELLANI FILHO, Lino. Projeto reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental: uma proposta pedagógica para a Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 8. (1997), p. 11- 19.

DA FONSECA, Michele Pereira de Souza; RAMOS, Maitê Mello Russo. **Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de Educação Física escolar**. In: PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas (Org.). Conhecimentos do professor de Educação Física escolar [livro eletrônico]. Fortaleza: EdUECE, 2017, p. 186.

DANÇAS TÍPICAS. Danças indígenas brasileiras – **Cultura e significado. Brasil: Danças Típicas**, c 2023. Disponível em: <<https://www.dancastipicas.com/brasileiras/dancas-indigenas-brasileiras/>.> Acesso em: 27 de outubro de 2022.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na Escola: **Conteúdos, duas Dimensões e Significados**. UNIVESP, 2001, p.52.

DARIDO, Suraya Cristina. [et al.]. **Práticas Corporais: Educação Física: 3º a 5º anos: manual do professor** – 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2017.

DE MATTOS, Mauro Gomes; JÚNIOR, Adriano José Rossetto; RABINOVICH, Shelly Blecher. **Metodologia da pesquisa em Educação Física: construindo sua monografia, artigos e projetos**. – 3 Ed. 2008.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 21.

DOS SANTOS LIMA, Mônica; JÚNIOR, Luiz Gonçalves; NETO, João Verdiano Franco. **Construção do Corpo Indígena Kalapalo (Alto Xingu – Brasil): Processos Educativos Envolvidos**. Políticas Educativas (Polida). Vol. 1, N° 2 (2008).

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Educação Física Escolar PROF. RENATO VENDRAMEL. **Dança indígena Matipu - Conteúdos de Danças de origem indígena e africana**. YouTube, 5 de mai. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8qKQTso-Qos>>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

Educação Física. **Jogos dos Povos Indígenas**. Vila Isabel: Sec. Educação PR, 2010. Disponível em:

<<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218#:~:text=%C3%89%20disputado%20por%20duas%20equipes,o%20espa%C3%A7o%20de%20cada%20equipe.>> Acesso em: 10 de novembro de 2022.

FERREIRA, João Carlos Vincente. **Enciclopédia de Mato Grosso**. Cuiabá, 2004.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

GRANDO, Beleni Saléte; XAVANTE, Severiá Idioriê; DA SILVA CAMPOS, Neide. **Jogos/brincadeiras indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos. Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. 2010.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. Imagens contraditórias e fragmentadas: sobre o lugar dos índios nos livros didáticos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.77, n. 186, p. 409-437, maio/ago. 1996.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: 6ª ed. Ática. 2000. Autoavaliação; p. 147-56.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Mirim: Povos Indígenas no Brasil. Brasil: ISA**, c1994. Disponível em: <<https://mirim.org/pt-br/como-vivem/brincadeiras>> Acesso em: 20 de outubro de 2022.

JESUS, Naine Terena de. **Kohixoti-Kipaé, a dança da ema: memória, resistência e cotidiano Terena**. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Nacional de Brasília.

LABAN, Rudolf V. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LEONARDO, Franciele. **Xikunahati ou Futebol com a cabeça**. Taubaté: Sec. Educação SP, c 2002. Disponível em: <<https://www.taubate.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/3-l-ano-EDUCAÇÃO-FÍSICA-ativ.-07-Futebol-de-cabea.pdf>> Acesso em: 17 de novembro de 2022.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MARIZA BASSO. **A Dança da Ema – Kohixoti Kipaé, Baurú**: ALS Digital, c 2023. Disponível em: <<https://www.marizabasso.com.br/a-danca-da-ema-kohixoti-kipae/>> Acesso em: 27 de outubro de 2022.

MARQUES FILHO, Celso Lima. **Concepções docentes sobre a inserção de jogos e brincadeiras indígenas no conteúdo da Educação Física no ensino fundamental (anos finais)**. Orientadora: Elipaula Marques da Cruz Carvalho. 2021. 48 f. Monografia (Graduação) – Licenciatura em Educação Física, Faculdade Maria Milza, Governador Mangabeira. 2021. Disponível em: <<http://famamportal.com.br:8082/jspui/bitstream/123456789/2343/1/EDUCAÇÃO%20FÍSICA%20-%20CELSO%20LIMA%20MARQUES%20FILHO.pdf>> Acesso em 12 de maio de 2023.

MELATTI, Júlio Cezar. Corridas de Toras. **Revista de Atualidade Indígena**, Brasília, nº 1. p. 38-45, 1976.

MÜLLER, Regina Polo. **Danças indígenas: arte e cultura, história e performance**. Indiana, n. 21, 2004, p. 127-137. Disponível em: < http://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_21/10MuellerRegPol_neu-kM_.pdf> Acesso em: 30 de mar. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5ª edição – São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo desenvolvimento das múltiplas inteligências**. São Paulo: Érica, 2007. p. 94-120.

OLIVEIRA, Edenilce Aparecida. **Contribuição da Educação Física na educação das relações étnico-raciais, através de jogos e brincadeiras**. Pinhais: Caderno Pedagógico Vol. 2, c 2015. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_edfis_pdp_edenilce_aparecida_oliveira.pdf> Acesso em: 17 de novembro de 2022.

PASSOS, Laurizete Ferragut. O projeto pedagógico e as práticas diferenciadas: o sentido da troca e da colaboração. **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. São Paulo: Papirus, p. 107-122, 1999.

PESSOA, Alesandra Torres dos Santos. **Técnicas de pinturas: usos e possibilidades em aulas de artes, no ensino fundamental**. Orientadora: Daniela de Oliveira. 2011. 32 f. TCC (Graduação) – Licenciatura em Artes Visuais, Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília. 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4473/1/2011_AlesandraTorresdosSantosPessoa.pdf> Acesso em: 12 de maio de 2023.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **Lazer e Educação: desafios da atualidade**. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Sociedade**. Campinas: Alínea, 2008. p. 45-62.

PINTO, Leila; GRANDO, Beline. **Brincar, Jogar, Viver: IX Jogos dos Povos Indígenas**. Mato Grosso / Cuiabá: Central de Texto, 2009.

DAL PRÁ, Keli Regina; MIOTO, Regina Célia Tamasso; LIMA, Telma Cristiane Sasso. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Revista Texto & Contextos**, (2007). 6(1).

REIS, Patrícia Rossi dos et al. **Interculturalidade e Sustentabilidade: Jogos e brincadeiras indígenas na Educação Física escolar**. 2020. 113 f, Ciências Ambientais – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2021.

Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017a (*) **institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192> Acesso: 04 mai. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização**. 2.^a ed., Mapas. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. p. 460.

SAGADO, Nívea. **7 brincadeiras indígenas para ensinar ao seu filho**. Brasil: Mil dicas de Mãe, c 2015. Disponível em: <<https://www.mildicasdemaee.com.br/2015/10/7-brincadeiras-indigenas-para-ensinar-ao-seu-filho.html>> Acesso em: 17 de novembro de 2022.

SANTOS, Carla Regina de Mendonça; QUEIROZ, Paulo Roberto. **A utilização do lúdico para a aprendizagem do conteúdo de genética**. Univ. Hum., Brasília, v. 8, n. 2, p. 119-144, jul./dez. 2011.

SCHÖNGUT GROLLMUS, Nicolás; PUJOL TARRÉS, Joan. **Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación**. Fórum Qualitative Social Research, Berlim, v. 16, n. 2, p. 1-24, maio 2015.

SILVA, Tiago Aquino da Costa. **Jogos e brincadeiras na escola**. São Paulo: Kids Move Fitness Programs, 2015. Site <<https://mirim.org/pt-br/como-vivem/brincadeiras>> Acessado em 18 de outubro de 2022.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; ESCOBAR, Micheli Ortega. **A Educação Física escolar na perspectiva do século XXI**. Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, p. 211-224, 1992.

TABARES, José Fernando. **O esporte e a recreação como dispositivos para a atenção da população, exercício reflexivo do movimento**: Educação Física, lazer, e inclusão social. Rio de Janeiro: Shape, 2006.

TENÓRIO, Jederson Garbin; DA SILVA, Cinthia Lopes. **As práticas corporais indígenas como conteúdo da Educação Física escolar**. Rev. Teoria e Prática da Educação. v.17, n. 1, p. 81-91, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/27722>> Acesso em: 10 de maio. 2023.

VÉRAS, Karin Maria et al. **A dança Matipú: corpos, movimentos e comportamentos no ritual xinguano**. 2000. 133 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. 2000.

VINHA, Marina. **Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens kadiweu**. 1999. Tese de Doutorado. [sn].

ZEICHNER, Kenneth M.; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. **Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, p.63-80, maio/ago. 2005.

APÊNDICE A – O Projeto



Projeto apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física na disciplina de Estágio Supervisionado IV da Universidade Estadual da Paraíba, para cumprimento de atividade avaliativa. Docentes: Professora Morgana Guedes Bezerra e Daniel Barbosa Santana

Uma viagem pela cultura indígena: Brincadeiras, jogos e danças.
COSTA, Danilo Alves. 2022.



SUMÁRIO	
Introdução	03
Objetivo Geral	06
Objetivos Específicos	06
Metodologias	06
Plano de ação	07
Cronograma	08
Referências	08

Uma viagem pela cultura indígena: Brincadeiras, jogos e danças.
COSTA, Danilo Alves. 2022.



Introdução

Ao abordarmos sobre o eixo pedagógico estimulado pela Educação Física, notamos como o trabalho com o corpo e consequentemente com a cultura corporal, deve partir do princípio da inclusão, respeitando as vivências dos estudantes. A inclusão nas aulas de Educação Física não é voltada somente para os estudantes que possuem algum tipo de deficiência, é dever do professor pensar na inclusão como uma nova perspectiva que permita que todos os estudantes sejam incluídos nas aulas, desde os deficientes até mesmo os que não possuem deficiências, mas que têm algum tipo de dificuldades durante as aulas (FONSECA; RAMOS, 2017).

Dentro dessa perspectiva de inclusão, os grupos de cultura que outrora foram marginalizados pelo processo de colonização, como por exemplo, a cultura afro-brasileira e a indígena, são trabalhadas dentro das aulas de Educação Física, buscando a descolonização curricular deste conteúdo com a finalidade de uma educação democrática que atinja todos os grupos étnico-raciais, e que por diversos momentos estiveram ausentes do processo educacional.

Partindo desse pré-texto, a temática indígena se configura como um conteúdo a ser contextualizado no ambiente escolar e constitui um conhecimento que considera a diversidade cultural como algo presente no ambiente escolar. As danças, brincadeiras, cantos e as lutas fazem parte dos rituais da cultura indígena e os mesmos podem ser apropriados pelo professor de educação física, seja em aulas ou em projetos escolares. Acredita-se que o resgate e valorização dos jogos indígenas, fortalecem a identidade cultural e o auto-respeito desse grupo. (PINTO; GRANDO, 2009).

Sendo assim, as brincadeiras, jogos e rituais de danças indígenas constituem um vasto repertório da cultura corporal a ser desenvolvido e contextualizado no ambiente escolar, sendo uma contribuição para o contato com um universo de valores e significados que são desconhecidos no contexto da sociedade capitalista. Nesse sentido, os jogos e brincadeiras indígenas, ao serem considerados como conteúdo da Educação Física escolar, fundamentados na perspectiva intercultural, poderão viabilizar aos educandos um ambiente de socialização e um aprendizado de respeito às diferenças sociais, considerando o contexto cultural de que os sujeitos fazem parte. O jogo possibilita a construção da realidade pelos sujeitos que participam da ação, sendo a criatividade e a imaginação elementos presentes na dinâmica do jogar. A criança apreende com o outro, no convívio, por meio de seus costumes, seus hábitos, seus modos de encarar as situações que emergem para a resolução de problemas e, dessa forma,

Uma viagem pela cultura indígena: Brincadeiras, jogos e danças.
COSTA, Danilo Alves. 2022.



pode vivenciar elementos de culturas diferentes, o que é algo muito relevante para a formação integral dos educandos.

É de grande relevância o resgate de jogos e brincadeiras na educação e no processo de socialização, pois brincando e jogando os alunos estabelecem vínculos sociais, de modo a inserir-se no grupo e aceitar a participação de outros educandos, sem se preocupar de forma excessiva com a vitória a qualquer custo.

Assim, os jogos e brincadeiras podem ser utilizados como importante conteúdo da cultura corporal a ser desenvolvido nas aulas de educação física, viabilizando o ensino e aprendizagem a partir de uma linguagem que atende as características das crianças e jovens, explorando seu potencial crítico e criativo, no sentido de levar os alunos a vivenciarem práticas sociais que sejam significativas e que os desafiem a conhecer novas formas de se movimentar.

A escola pode preconizar a participação e o respeito, por meio das vivências de práticas corporais diversificadas, de modo que possa contemplar todos os alunos, respeitando suas diferenças culturais, dessa maneira, contribuindo para a formação integral dos alunos e promovendo a criticidade sobre os valores sociais.

A fim de contribuir com possibilidades na aplicabilidade de conteúdos da cultura indígena no contexto escolar, apresentamos o planejamento pedagógico desenvolvido para tal projeto, com a intenção de colaborar e estimular profissionais do âmbito educacional na inclusão da história e cultura dos povos indígenas de nossa nação.

Pretende-se também, estimular o diálogo entre os componentes curriculares para que possam trabalhar com essa perspectiva de forma integrada com diversos objetos de conhecimentos e contribuir para uma aprendizagem intercultural significativa. O planejamento pedagógico será aplicado nas aulas regulares de Educação Física de uma turma multisseriada, 6ª e 8ª ano do Ensino Fundamental II, em uma escola particular localizada no município de Pocinhos-PB. Cada aula terá a duração de 1 hora e 30 minutos e todos os encontros serão registrados em diário de campo e ao final será apresentado ao componente curricular Estágio IV, do curso de Educação física da Universidade estadual da Paraíba.

Uma viagem pela cultura indígena: Brincadeiras, Jogos e danças.
COSTA, Danilo Alves. 2022.

4

grupos indígenas e entre os próprios estudantes através das exposições do trabalho que foi construído ao longo dos encontros. Nas vivências psicomotoras e procedimentais, os estudantes poderão vivenciar as diferentes formas de exercera força durante o **Huka Huka**, o cabo de guerra e outras brincadeiras que serão realizadas durante a finalização do projeto, com o público geral, a fim do aluno, pais e professores terem uma boa vivência da cultura desse grupo e serão construídas a partir da perspectiva cultural que aborda as vivências da cultura indígena.

Será proposto a direção da escola, um passeio ao município da Bahia da Traição, na Paraíba. Para que os alunos possam ter uma aproximação maior, além do projeto, com uma tribo indígena que mora neste lugar, [clique](#) de ter um maior contato cultural e vivências.

Plano de ação

Atividade 1

Pesquisa exploratória da cultura indígena, através da internet, rede sociais, revistas, livros e filmes.

Atividade 2

Confecção de artesanato indígena, pinturas e instrumentos de caça e pesca.

Atividade 3

Aprendendo a musicalidade indígena, seus cantos de luta, vitória, de colheita, de paz e de agradecimento, entre outras.

Atividade 4

Danças indígenas, tipos de danças e rituais.

Atividade 5

Jogos e brincadeiras: apresentação de 6 brincadeiras mais comuns na cultura indígena.

Atividade 6

Apresentação final dos resultados do projeto, para a escola e para os pais.

Atividade 7

Passeio a uma comunidade indígena na Baía da Traição-PB.

Objetivo Geral

Provocar e despertar o interesse dos alunos pela cultura indígena nas aulas de Educação Física através do projeto a ser realizado, a fim de proporcionar a valorização e estimular sua prática assim como alavancar o pensamento crítico dos alunos sobre o tema em questão.

Objetivos Específicos

- Pesquisar juntos com os alunos, os jogos, as danças, músicas e brincadeiras da cultura indígena;
- Desenvolver atividades referentes a essa cultura, além dos já citados, a pintura e o artesanato também serão reproduzidos e expostos.
- Apresentar as atividades realizadas ao longo dos encontros, como resultado do projeto.

Metodologia

Inicialmente começaremos o projeto com uma roda de conversa entre os alunos e o professor, assim poderemos fazer um levantamento sobre o que os alunos entendem e sabem a respeito da cultura indígena. Logo após esse momento será apresentado um filme de temática e conteúdos indígenas, sobre seus jogos e brincadeiras, sobre o artesanato pinturas etc.

No segundo encontro, começaremos a fazer as pesquisas necessário, de temas relacionados a vida dos indígenas brasileiros, da antiguidade a atualidade, e através do uso figuras e textos iremos compor uma linha histórica.

A partir do terceiro ao quinto encontro, estes serão voltados para a experimentação, resgate, explicações e aplicações das brincadeiras/atividades indígenas mais usuais, essas serão contextualizadas a partir das pesquisas realizadas pelos estudantes, onde serão vivenciadas através de atividades (psicomotoras, conceituais e procedimentais) e trocas de experiências durante as aulas de Educação Física, proporcionando ao estudante o papel de protagonista e construtor de seu próprio conhecimento.

No nosso último encontro, através da dimensão afetiva, vamos buscar trazer o conhecimento da cultura indígena juntamente com o respeito para estas vivências, o respeito para com os

Uma viagem pela cultura indígena: Brincadeiras, Jogos e danças.
COSTA, Danilo Alves. 2022.

5

Cronograma

	Setembro/Octubro	Novembro/Dezembro
1ª Semana	30/09 Reunião e explicação do projeto/ roda de conversa.	04/11 Enc. 5 - Artes indígenas: Rituais e Danças.
2ª Semana	07/10 Início das atividades/ filme; documentário.	11/11 Enc. 6 – Artes indígenas: Jogos e brincadeiras
3ª Semana	14/10 Encontro 3 – artes indígenas: Pinturas	18/11 Enc. 7 – Excursão: Passeio a uma aldeia.
4ª Semana	21/10 Encontro 4- artes indígenas: Artesanato	25/11 Enc. 8 – Apresentação: Após do resultado na escola.
5ª Semana	28/10 Encontro 5- artes indígenas: musicalidade	02/12 Apresentação do relatório final – Estágio IV.
Observação:		

Referências

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; RAMOS, Maitê Mello Russo. Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar. In: PONTES JUNIOR, José Ailton de Freitas (Org.). Conhecimentos do professor de educação física escolar [livro eletrônico]. Fortaleza, CE: EDUECE, 2017, p 184-208

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães; GRANDO, ~~Belou Saléto~~. Brincar, Jogar, Viver: IX Jogos dos Povos Indígenas. Mato Grosso / Cuiabá: Central de Texto, 2009.

APÊNDICE B – O Questionário

8. APÊNDICE

Respostas do questionário aplicado no último encontro do projeto.

PROJETO: UMA VIAGEM PELA CULTURA INDÍGENA: BRINCADEIRAS, JOGOS E DANÇAS.

TESTE AVALIATIVO FINAL SOBRE O PROJETO TRABALHADO COM OS ALUNOS AO LONGO DOS MESES DE SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO.

LOGO ABAIXO, ESTÃO AS RESPOTAS TABULADAS DE TODOS OS 30 ALUNOS QUE PARTICIPARAM DO PROJETO.

1- O QUE FOI TRABALHADO NO PROJETO: UMA VIAGEM PELA CULTURA INDÍGENA?

NUM. ALUNOS	RESPOSTAS
05	DANÇA - PINTURAS - BRINCADEIRAS.
05	DANÇA - JOGOS - BRINCADEIRAS.
01	PINTURAS - JOGOS - BRINCADEIRA
03	PINTURAS - BRINCADEIRAS.
03	PINTURAS - JOGOS.
02	DANÇA - BRINCADEIRAS.
01	<u>DANÇA E CULTURA.</u>
02	CULTURA.
04	CULTURA - BRINCADEIRAS - DANÇA.
01	CULTURA - DANÇA E MÚSICAS.
02	NÃO SOUBE RESPONDER
02	NÃO PARTICIPOU.

4- OS JOGOS FORAM DIVERTIDOS?

SIM	NÃO	NÃO RESPONDEU
28	00	02

5- AS DANÇAS FORAM DIVERTIDAS?

SIM	NÃO	NÃO RESPONDEU
22	02	06

6- VOCÊ GOSTOU DE TER PARTICIPADO DO PROJETO?

SIM	NÃO	NÃO RESPONDEU
26	00	04

7- O QUE MAIS VOCÊ APRENDEU SOBRE A CULTURA INDÍGENA?

NUM. ALUNOS	RESPOSTAS
07	DANÇA E BRINCADEIRAS
02	PINTURAS E JOGOS / PINTURAS E DANÇA
02	BRINCADEIRAS / DANÇAS
05	CULTURA - DANÇA E RESPEITO
03	BRINCADEIRAS, DANÇA E JOGOS / DANÇAS BRINCADEIRAS E PINTURAS
02	CULTURA INDÍGENA/ CULTURA INDÍGENA - COMPARAÇÃO COM O HOMEM BRANCO.
01	CULTURA, JOGOS, BRINCADEIRAS E DANÇA.

2- VOCÊ PARTICIPOU DE TODAS AS AULAS? SE SIM, QUAL AULA VOCÊ MAIS GOSTOU?

	NUM. ALUNOS	RESPOSTAS
SIM	02	TODAS
SIM	04	DANÇA
SIM	05	JOGOS
SIM	02	PINTURAS
SIM	03	BRINCADEIRAS E JOGOS
NÃO, MAS PARTICIPOU DE ALGUMAS	02	DANÇA
NÃO, MAS PARTICIPOU DE ALGUMAS	04	JOGOS
NÃO, MAS PARTICIPOU DE ALGUMAS	02	PINTURAS
NÃO, MAS PARTICIPOU DE ALGUMAS	03	CULTURA
NÃO	03	

3- AS BRINCADEIRAS FORAM DIVERTIDAS?

SIM	NÃO	NÃO RESPONDEU
28	00	02

01	POVOS INDÍGENAS MODERNOS E SUAS ALDEIAS.
02	MUITAS COISA (SEM DEFINIÇÃO) / POUCAS COISAS (SEM DEFINIÇÃO).
01	QUE PODEMOS PRATICAR A MESMA COISA QUE ELES.
01	NÃO APRENDEU.
01	NÃO RESPONDEU.

8- SE O PROJETO FOSSE REALIZADO NOVAMENTE, VOCÊ PARTICIPARIA?

SIM	NÃO	TALVEZ
28	0	02

9- CONTE-ME EM UM BREVE RELATO QUAIS FORAM SUA(S) EXPERIÊNCIA(S) COM O PROJETO?

03 ALUNOS RELATARAM: "APRENDEU A DESENHA E DANÇAR".

01 ALUNO RELATOU: "GOSTOU, FOI LEGAL E DIVERTIDO".

03 ALUNOS RELATARAM: "GOSTOU DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS".

04 ALUNOS RELATAMR: "FOI DIVERTIDO APENAS".

01 ALUNO RELATOU: "SE SENTIU UM ÍNDIO".

02 ALUNOS RELATARAM: "FOI LEGAL E QUER NOVAMENTE".

01 ALUNO RELATOU: "MUITO LEGAL E APRENDEU MUITAS COISAS SOBRE A CULTURA".

01 ALUNO RELATOU: "GOSTOU DE TER PARTICIPADO DA DANÇA E APRENDIDO SOBRE A CULTURA".

02 ALUNOS RELATARAM: "GOSTOU DA DANÇA, PINTURAS E DA ARTE NO GERAL".

01 ALUNO RELATOU: "GOSTOU DA DANÇA E BRINCADEIRAS, PRINCIPALMENTE DO FUTBOL".

01 ALUNO RELATOU: "GOSTOU DAS ARTES E DA EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO".

02 ALUNOS RELATARAM: "ACHOU INTERESSANTE A CULTURA INDÍGENA".

01	POVOS INDÍGENAS MODERNOS E SUAS ALDEIAS.
02	MUITAS COISA (SEM DEFINIÇÃO) / POUCAS COISAS (SEM DEFINIÇÃO).
01	QUE PODEMOS PRATICAR A MESMA COISA QUE ELES.
01	NÃO APRENDEU.
01	NÃO RESPONDEU.

8- SE O PROJETO FOSSE REALIZADO NOVAMENTE, VOCÊ PARTICIPARIA?

SIM	NÃO	TÁLVEZ
28	0	02

9- CONTE-ME EM UM BREVE RELATO QUAIS FORAM SUA(S) EXPERIÊNCIA(S) COM O PROJETO?

03 ALUNOS RELATARAM: "APRENDEU A DESENHA E DANÇAR".
 01 ALUNO RELATOU: "GOSTOU, FOI LEGAL E DIVERTIDO".
 03 ALUNOS RELATARAM: "GOSTOU DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS".
 04 ALUNOS RELATAMR: "FOI DIVERTIDO APENAS".
 01 ALUNO RELATOU: "SE SENTIU UM ÍNDIO".
 02 ALUNOS RELATARAM: "FOI LEGAL E QUER NOVAMENTE".
 01 ALUNO RELATOU: "MUITO LEGAL E APRENDEU MUITAS COISAS SOBRE A CULTURA".
 01 ALUNO RELATOU: "GOSTOU DE TER PARTICIPADO DA DANÇA E APRENDIDO SOBRE A CULTURA".
 02 ALUNOS RELATARAM: "GOSTOU DA DANÇA, PINTURAS E DA ARTE NO GERAL".
 01 ALUNO RELATOU: "GOSTOU DA DANÇA E BRINCADEIRAS, PRINCIPALMENTE DO FUTBOL".
 01 ALUNO RELATOU: "GOSTOU DAS ARTES E DA EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO".
 02 ALUNOS RELATARAM: "ACHOU INTERESSANTE A CULTURA INDÍGENA".

01 ALUNO RELATOU: "ACHOU MUITO LEGAL AS BRINCADEIRAS, OS DOCUMENTÁRIOS E A PINTURA".
 01 ALUNO RELATOU: "AUMENTOU O SABER SOBRE O ASSUNTO".
 01 ALUNO RELATOU: "FOI LEGAL E NÃO FOI CHATO".
 01 ALUNO RELATOU: "EXPERIÊNCIA COM A DANÇA, PINTURAS, BRINCADEIRAS, JOGOS E A HISTÓRIA".
 01 ALUNO RELATOU: "SE DIVERTIU MUITO".
 01 ALUNO RELATOU: "APRENDEU SOBRE CULTURA INDÍGENA, BRINCADEIRAS E JOGOS".
 01 ALUNO NÃO ESPECIFICOU.
 05 ALUNOS NÃO RESPONDERAM

10- DE 0 A 10, VOCÊ RECOMENDARIA A APLICAÇÃO DESSE PROJETO EM OUTRA ESCOLA? LEMBRANDO QUE:

0 3 - NÃO RECOMENDARIA DE JEITO NENHUM.
 4 6 - NÃO RECOMENDARIA COM ALGUMAS EXCEÇÕES.
 7 8 - RECOMENDARIA SIM.
 9 10 - COM TODA CERTEZA, MERECE SER REALIZADO NOVAMENTE.

NOTAS: 01 ALUNO DEU NOTA 04
 03 ALUNOS DERAM NOTA 07
 01 ALUNO DEU NOTA 08
 06 ALUNOS DERAM NOTA 09
 18 ALNOS DERAM NOTA 10
 E 01 ALUNO NÃO RESPONDEU.

CAMPINA GRANDE, 16 DE NOVENBRO DE 2022.